

ERA NOVA

B N N O IV

Nº 61



Mlle. AMANDA SA

FAZENDAS
EM GROSSO E A RETALHO

CASA PAULISTA

Teleph. 282

CAIXA POSTAL, 55.

Rua Maciel Pinheiro, 138.

PARAHYBA DO NORTE

***Tecidos de algodão de cores
fixas e padronagem moderna
para todos os preços.***

FAZENDAS FINAS: voiles, organdys, phantasias lisas, estampadas etc., de impecavel bom gosto.

Os srs. ALBERTO LUNDGREN & COMP., proprietarios da Fabrica Paulista, são estabelecidos, além de em varias capitães e cidades do interior de Pernambuco, Alagôas, Rio Grande do Norte, etc., em Cabedello, Alagôa Grande, Campina Grande, Itabayanna, Ingá, Guarabira e Rio Tinto, neste Estado, mantendo em todas essas casas, tomadas as devidas proporções, o mesmo sortimento da desta capital.

"REVISTA FEMININA"

Grandes premios em dinheiro

50:000\$000 serão distribuidos aos assignantes da «REVISTA FEMININA», por um plano de sorteio absolutamente novo em nosso paiz.

Eis esse plano: cada grupo de 5 mil assignantes novos, ou de assignantes que reformem este anno suas assignaturas, formarão uma série. Estas séries serão em numero de 5: e obedecerão a ordem alphabetica, isto é: Série A, Série B, Série C, etc. A cada uma destas séries será offerecido em dinheiro:

Um premio de 2:000\$000 — **Dois** premios de 1:000\$000 — **Seis** premios de 500\$000 e, finalmente, **Quinze** premios de 200\$000.

O sorteio

O sorteio destes premios será realisado em principios do proximo anno de 1924, após a sahida do monumental numero do Natal e sob a fiscalisação do governo.

Porque se deve assignar a «Revista Feminina»?

Porque são verdadeiramente innumerables as vantagens que gosam todos os assignantes do mais bello, util e artistico «magazine» que se publica no Brasil.

Algumas dessas vantagens

Todo o assignante da «Revista» tem direito a um desconto de 5 a 10 por cento sobre toda e qualquer compra que faça nos grandes estabelecimentos do Rio, por intermedio da nossa «SECÇÃO DE COMPRAS E REMESSAS». Esta instituição é a unica em seu genero, que existe em nosso paiz. Seus resultados são verdadeiramente assombrosos, pois que as economias que toda a dona de casa ou chefe de familia **realisa durante um anno, comprando por nosso intermedio todo e qualquer artigo**, attingem proporções enormes. Mas, além desta **importantissima** regra, que gosa todo o assignante da «REVISTA FEMININA» tem, ainda, todos os numeros mensaes da Revista, lindos e magnificos volumes illustrados, com esplendidos contos, artigos, poesias, ultimas novidades da moda, modelos de bordados, rendas, labores de agulha, receitas utilissimas, sobre tudo que relacione com a vida domestica, etc.

Que outras vantagens gosam ainda os assignantes da «Revista Feminina»?

1.º—O direito á aquisição, por insignificantes prestações mensaes, das lindas e luxuosissimas bibliothecas da Revista, admiraveis collecções que tanto se prestam á ornamentação de um interior elegante, como podem constituir um precioso e delicado presente.

2.º—O direito de exporem em nossa «EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE TRABALHOS FEMININOS» quaesquer labores como: rendas, bordados, roupas brancas finas, para crianças e adultos, etc.

Trabalhos estes, de cuja venda deduziremos apenas uma percentagem minima, para custeio desta importante secção.

Outras vantagens

Incumbimo-nos, ainda, gratuitamente, no intuito de auxiliarmos os nossos assignantes do interior, do despacho de qualquer requerimento, de pedidos de remoção e férias, de averbamento de titulos, etc.

O maravilhoso numero do Natal

E por ultimo, como o mais bello e rico brinde de festas, offerecemos aos assignantes o maravilhoso numero do Natal, volume de mais de duzentas paginas de texto, com centenas de illustrações, trichromias e gravuras de toda a especie. Só este monumental numero do Natal, por seu valor e importancia, compensa altamente o custo de uma assignatura: a insignificancia de 15\$000 por anno.

Por todas as immensas vantagens acima enumeradas, vantagens estas que na America do Sul, **só e unicamente** a «REVISTA FEMININA» proporciona a seus amigos e leitores, nenhum chefe de familia, nenhuma dona de casa, nenhuma pessoa, enfim, de cultura e elevado gosto deve deixar de enviar immediatamente a esta redacção o seu pedido de assignatura.

* Immediatamente a esta leitura remetam sua ordem de assignatura, ao seguinte endereço: REVISTA FEMININA — RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 1, (sobr.) — S. PAULO.

* Todos os pedidos devem vir acompanhados da importancia de 15\$000 e mais 1\$000 para o registo postal do grande numero de Natal.

* Farão jús, assim não só a um anno da mais agradável e útil leitura, ás excepçionaes vantagens de ordem economica que a Revista offerece, como ainda, á propria inclusão no numero daquelles, que, como o presente de Bôas Festas, terão a grata satisfação de se verem contemplados nos sorteios dos 50:000\$000, que a «REVISTA FEMININA» distribue aos seus assignantes.

Mandem immediatamente seu pedido de assignatura, ou a ordem de reforma da que acaso possuam.

ANTONIO BOTTO AdvogadoAdvoga no civil, crime e commercio, acce-
tando trabalhos para o interior.

Expediente das 10 ás 18 horas

ESCRITORIO, NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

FABRICA COLOMBO

DE
MOURA BASTOS & C.^a

Mantém grande deposito de camisas, ceroulas, collarinhos e pyjamas, confeccionados com todo esmero e bom gosto, podendo competir, tanto na qualidade como no feltio e preços, com os melhores artigos nacionaes e estrangeiros. Executa encomendas com a maxima brevidade. Marca registrada — COLOMBO.

Rua Barão do Triumpho, 450. — PARAHYBA

SERRARIA, CARPINTARIA E MOVELARIA**S. PAULO**DE **GUIMARÃES & IRMÃO**

A Carteira Escolar MINERVA, de invenção e fabrico desta casa, obedece ás mais rigorosas exigencias da hygiene escolar, adaptando se a todas as edades, sem causar o menor incommodo ao alumno. Foi este o typo escolhido pela Directoria da ACADEMIA DE COMMERCIO-EPITACIO PESSOA. * Chamamos a attenção dos interessados, afim de verificarem as commodidades da Carteira Escolar MINERVA.

Praça Alvaro Machado n. 45
PARAHYBA DO NORTE

PERFUMARIA RENY

A MAIS ELOQUENTE AFFIRMAÇÃO DO APER-
FEIÇOAMENTO DA INDUSTRIA NACIONAL

POMADA RENY

Infalível. Tira sardas, pannos, manchas, rugas e
cura espinhas. Pote 4\$500.

DEPIL

Unico depilatorio liquido que tira em 5 minutos
todos os cabellos. Vidro 5\$500.

PÓ DE ARROZ RENY

Medicamentoso e perfumado. Adhere mesmo sem
creme. Caixa grande, 2\$500 ; pequena, \$600.

LOÇÃO RENY

Deliciosamente perfumada. Extingue as caspas e
fortifica o couro cabelludo. Vidro 7\$000.

AGUA BALSAMICA

Antiseptica e hygienica. A melhor agua para o toilette. Vidro pequeno,
4\$000 ; grande, 7\$000.

PARA SARDAS, ESPINHAS,
RUGAS, PANNOS, MANCHAS
E TRATAMENTO DA PELLE.



MAGALHÃES & LOBO

RIO DE JANEIRO

Depositaros e vendedores neste Estado :

Avelino Cunha & Cia. — Rainha da Moda

RUA MACIEL PINHEIRO, 206.

PARAHYBA DO NORTE

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

**Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarros:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Passa, Santa Cruz, Amorim, Simeão Leal,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Gueira, Faria Fines, Morenos, Palha, Cor-
tiza, Hilda, Commercias, 5 de Agosto, Glória, Vencedora, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Dina, Santa Barbara, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progressao, Buquets, Ambreados, Cigarillos Bahia, Bahia, Brasil Club, Mariette, Ve-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturoso, Matina, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgo, Santa Amalia, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
innumeras marcas. — Fabricados com fumo de primeira qualidade

Mantêm sempre grande stock dos charutos ~~Bonhomie~~ e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumadores, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS PRÓPRIAS.

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE



VENDEM:

F. NAVARRO & FILHO

R. Muel Pinheiro

— 212 —

PARAHYBA



Noticiário Elegante

dr. Manuel Deodato, procurador das terras da Fazenda Estadual; a sra. Mariana Belho Cantalice, esposa do sr. Diomedes Cantalice, industrial de nossa praça; a sra. Hermogenia Leitão da Silva, esposa do nosso apreciado colaborador professor Abel da Silva; o menino Orlando, filho do sr. Arthur Parra, vice-consul português nesta capital.

DIA 4 — O inteligente menino Omega Nacre, filho do sr. Marcelino Nacre, director tecnico desta revista; a sra. Sílvia Cordeiro, esposa do sr. Octaviano Cordeiro, almoxarife da Imprensa Oficial.

DIA 5 — A sra. Henriqueta Ramos, esposa do sr. Antonio Ramos, despachante de nossa Alfandega; a viúva Deborah de Meneses Pacote; a senhorinha Aurea Villar, filha do sr. Dorgival Villar, fazendeiro em Tapera; a menina Celeste, filha do dr. Teodoro de Vasconcellos; o sr. Benevenuto Figueira, industrial de nossa praça.

DIA 6 — O dr. Diogenes Penna, ex-prefeito desta capital; o dr. Diogenes Caldas, cavaleiro dos mais prestigiosos de nossa sociedade e inspector agrícola federal.



DIA 7 — O sr. Aloysio Xavier, amanuense da Escola Normal deste Estado.

DIA 8 — O sr. Oscar Fialho, operario da Imprensa Oficial; a brilhante poetisa Eudesia Vieira; a sra. Hermelinda Fernandes Cunha, esposa do sr. Hermilo Cunha, comerciante de nossa praça.

DIA 9 — A senhorita Maria Augusta de Magalhães, filha do dr. Olavo de Magalhães, inspector federal do Lyceu Parahybano; o menino Dagoberito, filho do dr. Euripedes Tavares, secretario do Superior Tribunal de Justiça; a sra. Aurea Mesquita de Andrade, professora publica de Pombal; a senhorinha Yvette Pimentel, filha do pharmaceutico Andrade Pimentel.

DIA 10 — A sra. Amazile Chaves Cahn, esposa do sr. Charles Cahn; a senhorinha Sylvia Bahia, filha da sra. Adelaide Bahia, proprietaria nesta capital; o sr. Oscar Cabral, funcionario do escriptorio dos srs. Seixas Irmãos & Companhia.

DIA 11 — A virtuosa Irmã Maria de S. Leão, superiora do Collegio de N. S. das Neves; a professora Luiza Dalis; o illustre medico dr. Velloso Borges; o dr. Antonio Neves, promotor publico de Bananeiras.



SOCIEDADE RECIFENSE — Mlle. HELENA CAMARÁ, 1914
O grande pintor Augusto Camará.

AO SOL DA PRIMAVERA

(A Antonio Fasanaro)

— "Adeus, eu voltarei ao sol da Primavera"
E a tua rosea bocca á minha bocca unindo
Murmuraste baixinho: — "O amor que em nós
imperla
Nos permite encarar essa ausencia sorrindo."

— Adeus, eu voltarei logo que seja findo
O inverno; ficará meu coração; espera . . ."
E estendendo-me a dextra esguia em gesto lindo:
— Adeus, eu voltarei ao Sol da Primavera!"

Três vezes, pelo azul, as andorinhas voaram,
Três vezes do arvoredo as folhas renovaram
Qual no meu coração se renova a Chimera...

E, embora não cumprida a jura que fizeste,
Inda me canta ao ouvido a phrase que disseste:
— "Adeus, eu voltarei ao Sol da Primavera!"

Recife

ASCENSO FERREIRA

Anniversarios

Durante a primeira quinzena do corrente,
registaram-se os seguintes anniversarios:

DIA 1 — A sra. Carmen Leitão Carvalho, esposa do sr. Enéas Carvalho, industrial de nossa praça; a sra. Elvira Fernandes de Souza Falcão, digna consorte do nosso prezado colaborador dr. Americo Falcão, director da Bibliotheca Publica; a sra. Hia Moreira Pinho, esposa do sr. Firmiliano Pinho, auxiliar da firma K.öncke & Cia., de nossa praça; a menina Portelina Fonsêca, filha do sr. Otto Fonsêca, escripturario da Comissão de Saneamento e Prophylaxia Rural.

DIA 2 — A sra. Corina Ramos, viúva do sr. Augusto de Vasconcellos; a menina Daura, filha da sra. Deborah Pacote, proprietaria nesta capital; o inspirado poeta Raul Machado, promotor da justiça militar em Pernambuco.

DIA 3 — O sr. Raul Toscano de Britto, telegraphista nesta capital; Antonio, filho do

CIDADE DOS JARDINS

UMA HISTORIA QUE OS

HOMENS DESCONHECEM

Cada dia que passa, acho-a mais linda e mais gentil.

Ella é a cidade da Graça, do Sonho, da Alegria e do Trabalho.

Graciosa com as suas arvores podadas, com as suas mulheres elegantes. Sonhadora, com os seus poetas, com os seus pintores — almas emigradas do paiz da Phantasia, aqui chegadas para alegria dos nossos olhos, para delicia dos nossos sentidos. Alegre, com as frondes sonoras das suas arvores onde os passarinhos cantam sonatas de Beethoven e Scherzos de Chopin. Trabalhadora, com a energia, com os musculos rigidos dos seus operarios — herões anonymos de sua gloria, constructores abnegados do seu futuro.

E' uma cidade elegante. Tem um ar de recato, de innocencia, de pureza. Tanto é assim, que se afastou do Atlantico, parecendo não querer, por um excesso de pudor, sentir a caricia verde das ondas impetuosas, o beijo impudicamente branco das espumas inquietas.

Por isso, nas noites de luar, ella, na beatitude do seu silencio, ouve os gemidos do velho Mar que, ansioso por beijal-a, soluça, grita, chama-a, desespera-se.

O Cabo Branco, como um pae amoroso e veneravel, interpoz-se entre ella e o Mar, na attitude secular de quem defende um thesouro immaculado com a energia adamastoreana do seu carinho paternal.

O velho Cabo, porém, sentiu que os seus musculos de pedra se pulverisam, deltuindo-se, desfazendo-se, ante a loucura oceanica do Atlantico que, diuturnamente, arroja contra elle o furor indomito dos seus musculos de agua. O hercules verde quer

vencer, como um cavalleiro medievo, todos os obstaculos para beijar os pés daquela que é a princeza dos seus sonhos.

A cidade, entretanto, descuidada e feliz, entrega-se toda ao carinho do Parahyba que, deitado aos seus pés, vae contando baixinho a sua vida aventureira.

«Elle vem de muito longe, vencendo todos os empecos, todas as peripecias. Sonhára um grande amor que sabia existir muito distante do seu berço, e partiu. A' margem do seu caminho encontrou muitas cidades. Nenhuma dellas, porém, era a eleita do seu amor. Caminhou, caminhou, até que um dia, ouviu que os homens pronunciavam o nome da cidade querida, ha muito antesenhada: «*Felippé! Felippé!*». «E elle, o Rio apaixonado, beijou-lhe os flancos verdes e perfumosos, e ficaram para sempre unidos. Depois das festas nupciaes, elle lhe dá o nome glorioso: *Parahyba*.

E, assim, dia e noite, o Rio conta á Cidade-esposa a sua longa historia, a historia do seu amor.

E enquanto os dois se beijam, o Atlantico soluça, no longe, a sua magua eterna. Elle é tão velho! E o Rio é moço. E' moço como a cidade que o desposa.

E' este um pedaço, apenas, da longa historia da Cidade, que os homens ainda não conhecem. Está muito mal contada, bem sei. Está, entretanto, comprehensivel. Um dia, algum poeta ha de surgir para cantal-a em versos primorosos. Quando isso acontecer, a Cidade agradecida, ha-de beijar, pelos labios dos seus habitantes, a fronte desse Poeta predestinado que ha-de ser o glorificador da sua gleba, do seu paiz, da sua raça.

PAULO DANISIO

DIA 13 — A exma. sra. d. Alice de Azevedo Almeida, esposa do brilhante intellectual parahybano dr. José de Almeida; a sra. Marietta Coutinho Schuller, esposa do sr. Jorge Schuller, residente no Rio Grande do Norte.

DIA 13 — O sr. Ruy Araújo, funcionario da Delegacia Fiscal; a sra. Celina Adelaide Novaes, viúva do desembargador José Novaes; a sra. Therezina de Oliveira Lima, esposa do sr. Manuel de Oliveira Lima, funcionario federal.

DIA 14 — O deputado estadual Pedro Ulysses de Carvalho; a senhorinha Rosilda Meira de Menezes, filha do dr. Meira de Menezes, director d'O Norte; o professor José Coêlho, lente da escola de agrimensura do Lyceu Parahybano; a senhorinha Severina Rocha, filha do sr. Antonio Freire da Rocha, proprietario em Lagôa do Remigio; o sr. Irineu Gomes Bezerra, fazendeiro em S. José de Piranhas.

DIA 15 — O dr. José Leal, da Alfandega do Rio; o sr. Milton Rodrigues de Carvalho; a sra. Josepha do Rego Ponsêes, proprietaria nesta capital.

A mi-carême no Cabo Branco

A mi-carême este anno no Cabo Branco vai revestir-se do maximo brilho. Os preparativos para a commemoração do sabbado e do do-

mingo se accentuam dia a dia de modo a esperar-se verdadeiro successo do sympathizado e prestigioso gremio. A Parahyba vai assistir, pela primeira vez, o interessante e bizarro bal de lètes no Cabo Branco.

Esponsaes

Albuquerque Maciel

O joven engenheiro Leandro Maciel acaba de pedir em casamento a gentilissima senhora Marina de Albuquerque, filha do senador Octacilio de Albuquerque.

Os elegantes esponsaes foram divulgados na alta sociedade numa atmosfera de regosijo, pois os promettidos são pessoas justamente queridas em o nosso meio.

Filha do illustre parlamentar e politico, a senhorita Marina de Albuquerque, é pelas suas virtudes e sua intelligencia, é um dos mais distinctos ornamentos do nosso set.

O engenheiro Leandro Maciel, de prestigiosa familia sergipana, vem prestando seus ser-

viços á Fiscalização do Porto desta capital desfructando largas relações de amizade.

Parabens aos noivos.

Cesar-Almeida

Foi acolhida nesta capital com muita sympathia a noticia do noivado do illustre facultativo dr. Elpidio de Almeida, joven scientista que toda a Parahyba admira e estima, com a gentil senhorita Adelgisa Cesar, dilecta filha do sr. coronel Josaphat Cesar, fazendeiro de largo conceito no municipio de Arcia.

O noivo, que é um dos mais notaveis medicos parahybanos, gósa nesta capital as mais amplas relações da élite, admirando-lhe a nua sociedade as suas qualidades de caracter e a lhanza de suas attitudes.

A noiva, moça de finos predicados moraes e esmerada educação, é um dos preclaros ornamentos da familia parahybana.

Registando nesta columna o auspicioso evento, que vem ligar duas familias das mais respeitaveis de nosso meio, enviamos aos noivos os nossos cumprimentos.

CHRONICA LITERARIA

de S. GUIMARÃES SOBRINHO

Os srs. Lucilo Varejão e Othoniel Menezes, dois facientes artistas da prosa e do verso, me enviam, sob amáveis offertorios, os seus ultimos livros publicados. O do primeiro intitula-se *Teia de Desejos* e o do segundo *Jardim Tropical*.

Li, mui de assento e de sobremão, os contos de um e os versos de outro, e, em verdade, prolonguei a meu prazer uns momentos de requintada emoção em relei-los e trelê-los, como quem não dá conta do tempo que corre. Estou que só assim o fazemos quando realmente a obra d'arte nos agrada.

Teia de Desejos, a singela brochura de Lucilo Varejão, nome que vezes sem conto ha rutilado nesta revista, sob outras produções, é um conjunto de oito breves novellas, cada uma mais impressionante do que a outra. Admiráveis, sobretudo, pela simplicidade de estylo, elegancia e graça com que são escriptas.

Abre o volume *Triste Historia de Amor*. Um amargo velho, que o talento do escriptor faz novo. Segue-se *O Fiança de Bessie*. Commovente holocausto de uma rapariga americana, que vem ao Brasil para alugar a sua belleza, o esplendor de sua graça, o seu corpo enfim, na ânsia doida de juntar um penão e voltar á sua patria, onde o noivo a espera. Antes de partir, Bessie deixára com o bem amado a fiôr da sua innocencia. E não obstante haver ganhado muito dinheiro, após o sacrificio de tantas humilhações em que o indecoroso, o torpe, o ignóbil esboçaram toda a sua vida, Bessie verifica um dia que o pequeno cofre onde guardava o thesouro estava aberto, escrutado, vazio. Mas aqui não cabe o resumo do conto. Seria transcrever mais de uma pagina em que o autor nos descreve a tortura da alma de Bessie Lodz, «pobre victima indefeiza da grande, da immensa maldade humana...»

Todos os outros contos são desta natureza. Uma tragedia de amor, tendo sempre um vulto de mulher que felicita ou enche de agruras o destino de um homem. Pequeninhas nadas da vida, que o artista insculpe nos marmores brancos de seu lindo livro. Todos? não. Ha um em que não entra sombra feminina: no *Conto do Natal*, aliás um dos mais formosos de *Teia de Desejos*, livro que, incontestavelmente, veio reafirmar o justo fulgor das letras do romancista do *Destino de Escolastica*.

O volume de versos do poeta potyguar sr. Othoniel Menezes é uma brochura que, exteriormente, deixa muito a desejar pela sua feitura material. Parece, á prima vista, mais um tratado de leis que um volume de poesias. Mas essa impressão para logo a gente vê transformada no deslumbramento da grande arte do poeta:

No jardim Tropical, dentre a cheirosa rama
Chlôris desabotôa os manacás e os nardos.
Vai Locusta, subtil demonio de olhos pardos,
e o veneno e a traição nos cálices derrama...

Vida e Morte, Esplendor e Sombra. A inquieta chamma
da asa dos colibris arde, ao sol; dormem tardes
ophidios; a agua canta, em diamantes se inflamma...
Flóram, sangrentamente, os mulungús e os cardos...

Na hora miracular da gènesis, a Mãe-Terra,
nutriz, multifecunda, as entranhas descerra
para a gloria da luz, num parto augusto e bello..

A plethóra da seiva abre em festões! Na faida,
se ergue, qual o de um rei, sobre um throno esmeralda
—o diadema solar do pau-d'arco amarello!—

E' com esse lindo soneto que Othoniel inicia seu livro e é com um não menos bello (*Perfeição*) que o fecha.

O soneto, apesar do abuso que delle fazem os senhores poetastros, é ainda o genero poetico preferido pelos nossos melhores cytharedos. Com sêr a mais difficilissima é por isso mesmo a mais fascinadora das composições, o infinito dentro de uma folha de rosa, na phrase poetica do sr. Julio Dantas.

O outro dia, nas paginas desta mesma revista, o meu amigo Eudes Barros, que é, aliás, um dos nossos excellentes sonetistas, falava-nos na morte desse maravilhoso poema de quatorze versos, angustia e pesadello dos verdadeiros poetas. Tão difficil, que Diogo Bernardes, cujos trabalhos, segundo nos dá noticia o sr. Alberto de Oliveira, confundiam-se com os de Luis de Camões. Diogo Bernardes confessava que envelhecera e não o sabia manejar com perfeição:

«Eu, Senhor, podia ter bisnetos,
Depois que comecei a fazer versos,
E ainda beni não caio nos sonetos».

Houve época em que o soneto constava de vinte e quatro versos, como também se inventaram fórmulas de sonetos *divinos, lezados, continuos, encadeados, retrogradados, com repetição, com caia ou estrambote, bilingues, trilingues ou polygloticos*.

No *Vocabulario* de Bluteau encontram-se varios dos que se não se citam. Essas criações esdruxulas, porém, não foram de grande duração. Passaram; e chegámos afinal ao modelo classico, ao tipo petrarquiano.

No romantismo quasi que desaparece. Apenas da sonetaria desse periodo floream um de Francisco Octaviano e outro de Alvaro de Azevedo. De Casimiro de Abreu não conhecemos nenhum: não ha uma só composição desse genero nas *Primas*. Só no parnasianismo, de consequente, é que vamos ver a planta sacra por excellencia do soneto entre nós, attingindo no romantismo, ao maximo do esplendor no poetar de Bilac, Ruy Barbosa e no do sr. Alberto de Oliveira.

Nestes os dois primeiros, não têm sido frequente o versar de dois strophes.

Mas o soneto é bolorento. Tem setecentos annos. No Brasil conhecendo-o desde Gregorio de Mattos. O futurismo, com gestos de originalidade, prescreveu-o de uma vez da poesia de hoje. Deu-lhe, fôra dos orthodoxos da chibante escola, cujos principios de renovação, de libertação, diga-se francamente, tanto esta-va-se necessitando, ha quem ainda faça o soneto com o lavor, com a gallardia dos mestres, como por exemplo Carlos Dias Fernandes, De Costa e Silva, Hermes Fontes, Gilka, Rosalina Coêlho Lima, Raul Machado, qual a qual mais brilhante. Esses artistas

não levaram ás chammas da fogueira futurista a formosa concepção do génio italiano.

Serão pela ventura menos belios os sonetos de um desses magos esthetas da rima do que qualquer das complicadas e emaranhadas creações dos sts. klaxistas?

Eu de mim confesso que prefiro o divorcio intellectual destes a deixar de ler aquelles. Da mesma sorte me deslumbro com a arte do sr. Othoniel Menezes. O seu livro não é impeccavel; ha algumas poesias que o autor deveria ter expurgado de entre as outras. Entretanto, o numero destas não é tão grande a avultar em meio ás sessenta e seis composições. Só o carinho com que me entreguei a mais de uma leitura, pagina a pagina, poderia descobrir pequenas civas no refulgente conjunto de pérolas que é quasi todo elle. *Flamboyant, Onde mora Zainez, O soneto do Paria e O Rio* revelam-no ourives magico do verso.

Vejam este ultimo:

Turvo, na ampia caudal, rompendo em bruta viagem,
do longinquo sertão onde apoiou na cheia,
libérrimo e veloz, estrondando, carrega
cadáveres de bois, ilhas, troncos, ramagem.

Ró'a. Cança. Recresce. Espraia: é a varzea: a areia
branca vidrilha ao sol; a musica selvagem
das jaçanãs começa a encher a tarde... á aragem,
a corôa imperial do pau-d'arco pompeia!..

Chega, a rugir: investe o peito azul do mar!
crêspo, altado, assanhado, aos galões, tumultuario
é uma serpente verde, é um dragão a espumar!

Mas, em noites de lua, é poeta, estradivario,
tem soláus de barqueiro, e, ás sereias do estuario
põe-se, triste e sereno, a cantar... a cantar...

Com sós esses dois sonetos transcriptos podemos ver que ainda não assistimos a fallencia dessa fórmula poetica.

..

Cumpre notar agora que o cinzelador de joias de tacs quilates vive a vida apagada de provincia, no aranhado meio de Natal. Em carta, que o poeta me dirigiu acompanhando o exemplar de seu livro, dizia-me com simpleza e bom humor «... o meio literario aqui é o mais sáfaro do Brasil... o meu dictionario começa na letra I e não chega ao X. Não conheço toda a obra de Bilac nem a do sr. A. Oliveira. Não sei nada, meu velho!

Pasmem os leitores! Ainda ha quem tenha tamanha sinceridade! O sr. Othoniel não possui o *genus irritabile vatium* de que nos fala Horacio. E' uma excepção em meio dessa avalanche immensa de cabotinos que assoberba a literatura da hora actual. Todos nós somos, pela acção systematica do cabotinismo, grandes jornalistas, renomados escriptores, philosophos transcendentes e notaveis poetas.

Consolemo-nos, porém, de que assim vamos logrando, considerava o divino Ruy, quando menos, a democracia no mundo intellectual: todos sabem tudo e ninguém sabe nada.»

ARTE



UMA ESCULPTURA ITALIANA

CONFERENCIA

Na primeira quinzena deste mês, realizou-se no Theatro Santa Rosa a annunciada conferencia do illustre sr. Gylberto Freire, uma das figuras mais brillhantes da geração moça de Pernambuco. A palestra do joven intellectual versou sobre *alguns escriptores e algumas tendencias actuaes*, thema que o conferente desenvolveu com erudição e brilho, occupando a tribuna por espaço de 45 minutos.

A festa de arte levada a effeito por vultos de relevo da mentalidade parahybana, tendo á frente as figuras illuminadas de Carlos D. Fernandes, Alvaro de Carvalho e padre Pedro Anisto, deixou a mais agradável impressão no espirito das élites intellectuaes da Parahyba que accorreram a ouvir no Santa Rosa, com justa ansiedade, a palavra de Gylberto Freire.

PARLAMENTARES PARAHYBANOS

Seguiram no dia 11 para o Rio de Janeiro os nossos illustres patricios senador Antonio Massa e Octacilio de Albuquerque, que vão tomar parte nos trabalhos do Congresso nacional.

Os prestigiosos homens publicos tiveram no seu embarque as homenagens da Parahyba, que conta em cada um incansavel propugnador de seus interesses.

No Album de Mlle. Anatice Caldas



CARLOS D. FERNANDES

Como se chama?
Carlos Augusto Furtado de
Mendonça Dias Fernandes.
Qual a sua divisa?
Respeitar os juízos alheios
Qual o traço predominante de
seu caracter?
A affabilidade.
Que desejaria ser?
Um grande poeta.
Que mais o desagrada?
A hediondez.
Qual o divertimento que mais
o atrai?
A palestra.
Qual o seu passatempo favo-
rito?
Fazer versos.
Qual o seu defeito principal?
A parlapatice.
Qual o erro que merece a sua
indulgencia?
O do amor.
Que pensa do flirt?
Nada.
Que pensa da sociedade?
Uma cousa inexprimível.
Que diz do homem almofadi-
nha?
JESU AUTEM TACEBAT.
Que diz da mulher melin-
drosa?

Um briaco apressado.
Que qualidades prefere no ho-
mem?
A seriedade.
Que qualidades prefere na mu-
lher?
A modestia.
Qual deve ser o tipo masculino?
Joaquim Nabuco.
Qual deve ser o tipo feminino?
Venus callipygia.
Que pensa da religião?
Que é uma necessidade do es-
pirito.
Que pensa do feminismo?
Um dispauperio em transição.
Que diz do casamento?
Uma tolice imprescindível.
O casamento deve ser a pri-
meira ou a ultima aspiração?
IN MEDIO VIRTUS.
E' fatalista?
MODUS IN REBUS.
Existem verdadeiros amigos?
Enquanto mutuos os interesses.
Quaes os seus escriptores pre-
feridos?
Shakespeare, Dante, Gauthier
e Maupassant.
Quaes os poetas de sua pre-
ferencia?

Guerra Junqueiro, Guerra Jun-
queiro, Guerra Junqueiro.
Qual o seu sonho de felicidade?
Não sonhar.
Conhece ou conheceu o verda-
deiro amor?
Fomos varias vezes apresenta-
dos.
Gosta de sonhar?
Acordado.
A cor que prefere?
As sete.
Quaes as suas flôres preferidas?
O rosad e a magnolia.
Que prefere seu paladar?
O gosto theorico da Ambrosia.
Qual o animal preferido?
A coruja.
Que mais detesta?
Os rebeldes.
Qual a sua occupaço favo-
rita?
Nenhum.
E' juiz?
Não, porque faltei.
Em que consiste a verdadeira
felicidade?
Na riqueza, mesmo com a cre-
dula cegueira.
Que lhe poderia destruir a fe-
licidade?
A tristidade e indifferencia.

Qual a sua verdadeira vocação?
O culto das Musas.
Que mais lhe irrita os ner-
vos?
A mediocridade sem continen-
cia.
Qual a época em que quizera
ter vivido?
No seculo de Péricles.
E' ciumento?
Fui, algumas vezes, pela pre-
sumpção de ser amado.
Que diz do ciúme?
E' o maior vestigio da besta.
Que é a vida?
O ponto nodal de todos os
phenomenos cósmicos.
Como se desejaria chamar?
Haroldo.
Como desejaria morrer?
Num cataclismo.
Qual o juizo que faz deste
album?
Uma invenção gentil para apa-
nhar inconveniencias, futilidades
e hypocrisias.

O Cantico dos canticos

O universo inteiro conhece e venera o poe-
ma de Salomão. O nosso temperamento latino
devoto e voluptuoso, haure na leitura daquellas
palavras de innocente volupia um puro
mel suavizador. Todos nós conhecemos, ao
menos um episodio, da vida de Salomão:
Quem não conhece Nitocris, a pomposa
rainha de Sabá, que da Arábia — o paiz dos
aromas — veio admirar o poeta biblico?

O Cantico dos Canticos corresponde divina-
mente ao seu nome hebreu *Sir hasirim*, — o
mais sublime dos canticos...

O clero por mais veneração que mostre

ter pelo sabio sêdo não se nega a inter-
pretar, como exige o poema, a divina volup-
tuosidade, os sublimes mas terribes senos
daquellas paginas antigas e sempre novas pelo
amor que as inflama e rejuvenesce... E'
certo que o Cantico dos canticos foi com-
posto na occasião do matrimonio de Salomão
com a filha do rei do Egypto...

No entanto o Clero afirma que se trata,
apenas, do casamento de Ochoz com a
Egreja!

Conforme S. Jeronymo, não era permitida
a leitura do *Sir hasirim* antes dos 30 annos...
E o ineffavel S. Bernardo considerava que esta

obra não deve ser lida senão por espirito
castissimos e ouvida por ouvidos mais castos
ainda...

«Os impuros não podem ler obra tão santa
sem uma indigna presumpção».

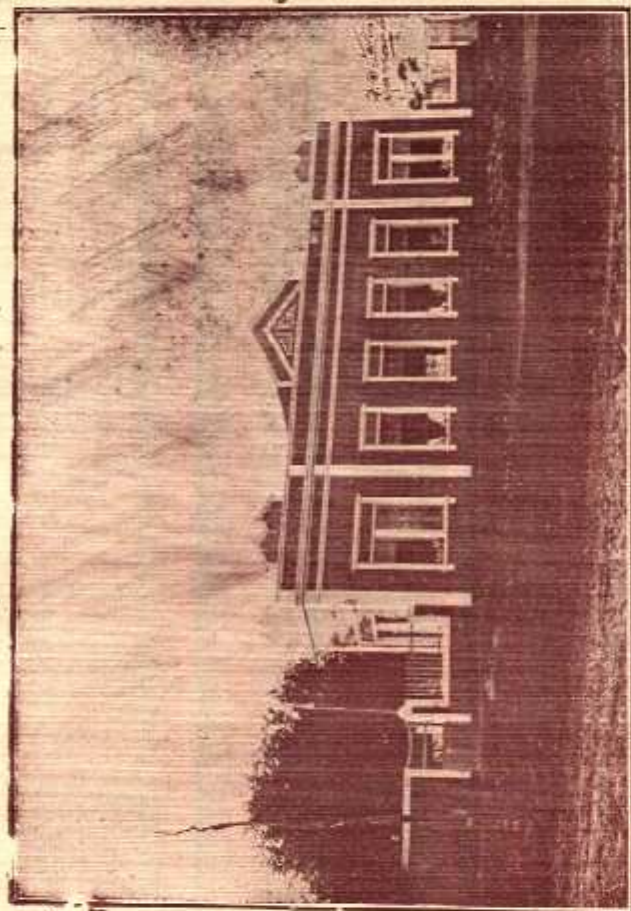
Na hora presente, em que já não há mais
crianças, onde uma pequerrucha de dez an-
nos já ama algum desconhecido dos papás;
nos nossos dias em que a Innocencia só en-
contra, para ler, volumes de XX, o Cantico dos
canticos só poderá despertar *frissons* malignos
na pelle da gente...

Já não há mais crianças...

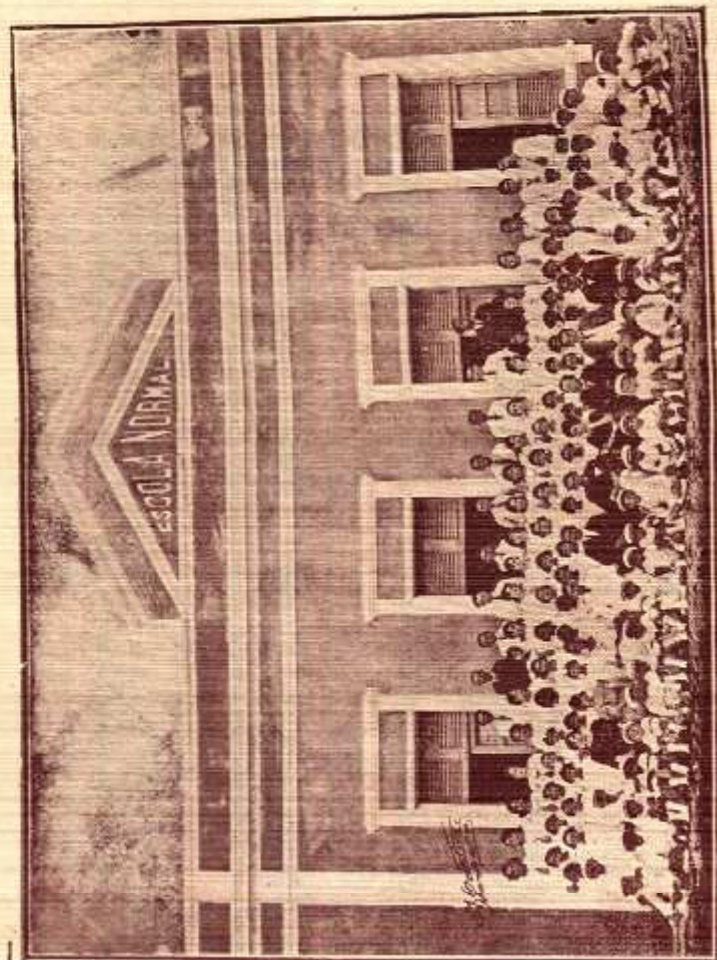
João da Retreia

NA CIDADE DE MOSSORÓ

RIO GRANDE DO NORTE



- 1) EDIFÍCIO DA ESCOLA NORMAL.
- 2) DIRECTORIA DA "ASSOCIAÇÃO DE NORMALISTAS", GRÊMIO OFFICIAL DA ESCOLA NORMAL.
- 3) ASPECTO DE UMA FESTA, EM 7 DE SETEMBRO, PROMOVIDA PELA REFERIDA ESCOLA.



ALMA REBELDE

(Para a minha irmã
Nenê Pinto Pessoa)

Ao tempo em que o conheci, Lulú Cotó era um pardavasco desempenado, nem feio nem bonito, dono de uns olhos penetrantes como os do «gato maracajá», apparentando er de quarenta a quarenta e tantos annos e sendo um dos braços horivelmente mutilado. Força como um novilho em anno de fartura, espertesa como a de um «apara-catôta» quando corre pela malta, nos dias de vadiação.

Appareceu na villa, uma tarde, sem dizer de onde vinha nem para onde se destinava, matulão nas costas, a *pajehú* no cós das calças, chapéu de couro no alto do cocuruto, assim com as feições carrancudas de um cara desesperado da vida, e disposto a levar tudo nos peitos, de um rojão.

Passou assim muitas semanas, dormindo nos lagêdos e bebericando pelas bodegas, mas sem nunca rir com os camaradas, de cara sempre fechada, como quem sente no coração uma «dôrzinha da peste» que o homem é forçado a soffrer, trincando os dentes, para não dar parte de molle.

De uma feita, enquanto eu me baloiçava na rede suspensa dos dois portaes de *embiriba*, no alpendre da «casa grande», o Lulú, que parecia gostar da minha camaradagem, ao mesmo tempo que mascava uma isca de carne sêcca, poz-se a contar as suas proezas nas terras por onde andára. Aproveitei o ensejo e interpelei-o:

— Mas caboclo, porque você, que ainda está tão forte, se entregou assim ao despreso?

Elle, num derradeiro esforço, tentou ainda tergiversar, porém mudou de resolução, e abriu-se logo commigo:

Patrão, ha dez annos atrás eu era um homem arrumado, tinha meus oito *quartaus*, gordos de se lavar com uma bochêcha d'agua. Roça como formiga; criação que era um castigo... Juliana,—minha mulher—não era carne nem peixe; mas a minha filha,—Zephinha, era a menina dos meus encantos. Creia, patrão, não falo por ser pai, porém era uma cabrochinha que dava gosto a gente ver, quando saltava pr'o meio da roda, roliça como uma *parari*, nos dias de samba em casa do cumpadre Ludugero! A negrada vivia se babando, mas ella nem como coisa!

Zé Carreiro era um dos que andavam pr'a baixo e pr'a cima no meu terreiro. Bicho bom no cabo da enxada, mas era nuxadinhoengo... Juliana,—minha mulher—não era carne nem peixe; mas a minha filha,—Zephinha, era a menina dos meus encantos.

O pobre quebrou nos páos, morto de vergonha.

Pedro Sarará metteu-se também lá pr'a casa e como era mettido a branco, Zephinha derreteu-se toda para o lado delle...

pinha derreteu-se toda para o lado delle...

Eu não disse que sim nem que não; mas embirrei logo com a creatura.

De uma feita, fui á caça com o Sarará. Elle levava o meu «bôcca» de sino, carregado até a bôcca, e eu levava somente a minha «pajehú» feita em Campina. Cada um sahio pr'o seu lado...

Ai, patão de minha alma! Quando eu metti a cara no caracol, ouvi aquelle reboiço,

O PAVÃO



N. R. — Este soneto do rigoroso e conhecido poeta pernambuco Cruz Filho foi parte do seu livro "Poesias de Belas Dias" e está de novo ao prezado amor da mãe.

Neste reino, que é seu, elle é sempre presente,
Nem lascivo vagar, bello como um Sultão,
Abriu-se á luz solar, larga e orgulhosamente,
Ficou cada sem par com seu fausto pagão.

Para á borda do lago, onde estatuas douradas
Ao sol, entre frondes e columnas delgadas,
Olham sua nobreza na agua, que lhes sorri...

E a um grito de odio e d'uma o silencio se alarma!
E' o pavão que, ao mirar-se, o arco leque desarma,
No susto de encontrar outro pavão ali...

CRUZ FILHO

aquelle estorço ao meio do mundo, e quando olhei... como o tamanho da creatura que estava a dois palmos de mim, eu já, como um christão. Eu não percebi. Então eu não o meu chapéu de couro e o meu braço na guêla escanzado da fôrça. A fôrça, enquanto eu gritava: Sarará Sarará me ajuda, mulato! Ia mastigando o meu braço, como quem mastiga bolacha!

Sará Sarará veio correndo com o bichinho na mão, mas quando viu aquelle espectáculo, em vez de me acudir, voltou por onde veio, o peste, correndo que parecia um macho atacado da munganga.

Ahi, chegou o Zé Carreiro que não trouxe os meus gritos, e não pôde nem chegar junto da fêra, macho-lhe a cara de garanhão no quido. Quando eu gritei Sarará Sarará Sarará Sarará.

Também fui franco: cheguei em casa com o Zé Carreiro, agarrado pela mão e disse pr'a Zephinha:—Menina, homem é isso! Vou de casar com este moleque porque eu quero! E

olha: si aquelle peste do Sarará cruzar ainda os meus batentes, destampo-lhe a cabeça! Zé Carreiro sahio aos pulos, de contente.

Eu curei o resto do braço com leite de banana, enguli a ceia, corri uma bala na «lazarina» e sentei-me debaixo de uma *jaguarana* muito ramalhuda que havia no terreiro, atocando o Pedro. Lá para as tantas da noite quando eu vi foi um vulto procurando saltar a cerca de *Maria Molle*. Fiz fogo em cima delle e quando o fuzil cantou, ouvi o baque no barro vermelho. Corri para ver a carniça e, quando cheguei pr'a perto, vi, meu branco, que tinha morto Zephinha. Pois a creatura, em traje de homem, não tinha ido avisar o descarado do Sarará!

Na romantica paz do amplo parque silente
Entre arvores de luxo, em calma solidão,
Magnifico, taul, todo pompa, imponente,
Da terna amante ao pé, vive o regio pavão

Coração de mulher!

Sahi como um cadello doido, de estrada a fôra, choutando. Bati no mucambo do cabrito e, quando elle appareceu todo babôso, dançei-lhe a faca na peitaria.

Dei mais de vinte furadas. Agora vivo por aqui, como um mulambo de gente: bebendo cachaça e tirando *paluxi* com a cabroeira do cito...

Mas bicho macho não faz pouco em mim.

Matei Sarará e não me arrependo. Por causa delle perdi meu braço direito e a minha marrázinha do coração.

Não foi pelo braço, mas quando vi a *coisinha* estribuchando no chão, dizendo: Papai, me perdõe, senti dentro de mim uma coisa dizendo: Seu Lulú, você nunca mais terá gosto de carne... e eu fiquei sem mais nada.

Nos seus olhos eu vi que brilhavam também, illuminadas pelas do céu, duas estrellas tremulas e limpidas.

O caboclo chorava...

Recife, 1924.

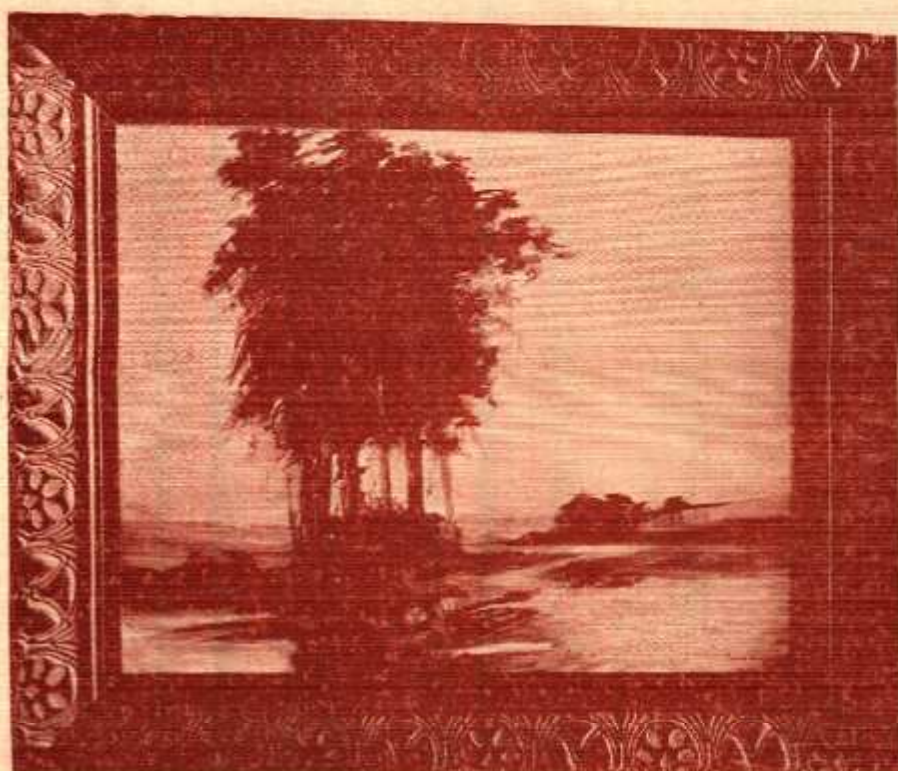
ENEAS ALVES



Mlle. AMELINHA THEORÇA

"SALON" FELIPPÉA

TELAS DE AMELINHA THEORÇA



1) — **MARINHA** — adquirida pelo sr. Epitácio Pessoa Sobrinho.

2) — **ARVORES AMIGAS** — adquirida pelo governo deste Estado.



SUPPLEMENTO DE ERA NOVA - Abril de 1924

O lrio do Cabaret

Novella inédita, original de
EUDEN BARRON

Vae sósinha... Para onde vae ella?

A noite é escura e fria. Passam vultos indistinctos, na treva. Neblina...

Automoveis espantam ruidosamente o silencio da noite, espadanando lama á cara dos que vão passando...

Esta noite parece o remorso de todos os crimes que a natureza já commetteu... Noite negra, noite de chuva, de lama, de frio, de angústia...

E ella?

Automoveis passam, como tufões, espirrando agua suja pelas calçadas! Um bonde de cortinas cerradas, outro bonde, outro, mais outro... O carro branco da Assistencia, numa zoadada estrídula, tumultuosa, infantil, desordenada! Cyclistas, vertiginosamente!

Um clarão sumptuoso e triunphante enche agora a Ave-

nida, deixando ver em toda a sua extensão esplêndida a intensidade da chuva a cair...

E' o *Cabaret*,—o manicômio onde se agita a loucura nocturna da Cidade!

Um trovão,—terrível como uma prophécia apocalypica,—desaba sobre os edificios impassíveis! relâmpagos! e a chuva, e a chuva sempre!

..

Vulto amplo de homem sae de um dos *boitequins* da esquina. Vae cambaleando, monologando, saltando,—como um sapo,—a agua suja da rua... A luz das lâmpadas illumina-lhe a cara hedionda... Cara rotunda e gorda, amarella, sinistra...

— Chuva do inferno! não quere cessar!...

Eis o homem de cujo coração desertaram todos os sentimentos: Não ama, não odeia, não inveja, não se compadece, não crê, não ambiciona... Bebe.

..

E ella? Ia sósinha! Ter-se-ia perdido no turbilhão de vehiculos? Não; ella passou adiante...

Teria entrado no *cabaret*? Oh! não! nunca! Não há quem prefira a escuridão e o frio... No entanto ella preferiu a escuridão e o frio das ruas desertas ao esplendor dos *cabarets*, a tepidez dos leitos do peccado sempre abertos para a Beleza e para a Volupia...

A'quelle claro sumptuoso, immenso, fascinador, ella fugiu aterrada como se visse o inferno... Fugiu... Mas para onde?

— Com mil e um diabos! dormindo na chuva! —

O êbrio topára pesadamente num corpo, quasi indo ao chão.

— E' um cachorro? um porco?—e sacudindo-o.—Oh! não! é gente! Olá, patricio!

— Meu Deus!

— Hum! falou... fala fina... —

E o êbrio sacode o ser desgarrado que dormia na chuva. Mas logo um riso infame lhe agita os beijos de suino.

— E' mulher... Quem és tú, menina?

— Meu bom senhor... Eu morro de fome, estou morrendo de frio. Não conheço a Cidade. Fui a um guarda e elle me disse que eu me dirigisse ao hospital, me julgou mulher perdida. Meu bom senhor, leve-me a um hospital... Eu morro... de fome...

Tem um mérito: Não faz bocejar. E' um paliativo contra a Maçada!

— Delende-se a si mesmo!

— Salvo, ó Gastão! morriamos de te esperar, passadista!

— Senhores! — exclamou um dos literatos levantando a taça — saudemos no recém-chegado o príncipe dos chronistas brasileiros!

— Muito obrigado pela perversidade... — sorriu Gastão

Frões.

— Veste hoje a deshoras.

— Estava em casa do Alceu Olival.

— E que é do Alceu? julgava-o fôra.

— Sim, o Alceu! — indagou o grupo em unísono. A ansiedade geral dos collegas pelo poeta entristeceu o seu grande amigo.

— Alceu Olival é talvez neste seculo o unico poeta de alma, respondeu amargurado Gastão Frões. — O unico cujos sentimentos são os mesmos que gemem na sua poesia lyrica e apaixonada. Eramos inseparaveis. Mas como o meu coração despreoccupado e alegre proinava a tristeza, a desventura do seu, abandonou-me como abandonou o mundo. —

E rodeado por um silencio respeitoso e triste que contrastava com as expansões ruidosas de uns minutos antes, Gastão narrou aos collegas toda a aventura dolorosa de Alceu Olival.

Um moço,—que fôra outr'ora o poeta elegante da Avenida,—hoje, e pallido, triste, trazendo luto fechado, vae todas as tardes ao cemitério cobrir de lirios a catacumba de uma virgem que elle, num poema de dor, chama, — por antonomasia,—o LIVRO DO CABARET...

A pobre moça recobrára os sentidos mas não diminuíra a febre cada vés mais alta.

O medico, amigo dos dois jornalistas, sabio magnânimo, estava calado e triste.

— Então, doutor? — lhe perguntou Alceu, com os olhos abertos na affeição mais intima.

— Meu poeta, — lhe murmurou com desgano o velho medico. — Cada vés mais intensa, a febre! —

— Doutor! quando a sua Medicina deixará de ser es-
crava tão submissa da Fatalidade?

O medico não respondeu.

E no seu desespero, silencioso, funebre, no meio da sala, apertando convulsivamente as mãos, cabeça cahida ao peito, Alceu deixava cabir lentamente, silenciosamente o pranto.

Gastão ouvira o dialogo e chamou o medico á parte:

— Doutor, juro-lhe... Elle é muito cortez e adora os sabios. O seu estado d'alma explica a irreverencia daquella

pergunta...

— Oh! por Deus! em nada me abespnhou o poeta, sorriu tristemente o sabio. — O medico, meu caro jornalista, é um guerreiro temerario que se atira, á revella, a uma batalha com o Destino. As vossas vizes, é vencido ás vezes. Eu, desta vés, confesso-me vencido. Tudo isto está entezado offendendo-me com as expostações que se lançam á todos os lados da tragedia.

Alceu mirava a duvida, com apertada angustia, trahando uma bulha da Caba, a pobre moça, com um sentido de desluzo levantara os olhos para o poeta, balbuciou: — Oh! da... da... — e morreu. Alceu Olival, aper-

teu, cobrio de beijos e de lagrimas aquellas mãos que foram, num gesto de morte, a ultima expressão de uma alma des-

venturada.

Gastão Fróes em pé, enxugava uma lagrima.

..

Em torno ás bancas de um dos *cafés* de luxo da Avenida, a nova geração intellectual da metrópole, pilheriava, discutia, palavra perversa de tudo... De literatura, principalmente, está claro.

— O *Futurismo* avassala!

— O ideal da moderna escola seria de salvação se não fôsse o exaggero de inconsciencia dos nossos amigos de São Paulo... — obtemperou um estheta, de semblante feminino, oculos de tartaruga.

— Contudo! — fuzou um poeta que com o seu ultimo livro revoltára a Cidade roineira — O *Futurismo* é a phrase do Futuro, a linguagem do Ephémero, a alma do Instante.

— Vamos prá minha casa, menina. Lá comerás. Há pinga, se quizeres... Levanta, menina... Está fraquinha... coitada! E é bonita... Hum! moça já é... —

O infame tentia apalpar-lhe a blusa mas a infeliz, num gesto afflicto de pudor, recia estendendo-lhe os braços em supplica...

— Pelo amor de Deus, meu senhor. Eu sou u'a moça honesta... tenha piedade!

— Moça! bonita! uma belleza assim não é para se desprezar. Vamos prá casa, menina. Lá comerás. Há pinga e da boa! Hum! que vento frio... Ah! uma pinga!...

..

Alceu Olival, — poeta elegante da Avenida, — é amigo de todo affluente chique; palestra em todas as affluencias da moda, como o fazia, dois seculos antes, seu mestre Musset.

Mais de uma vés por dia, depara, na sua secretaria, cartas apassionadas e cheirosas, lettras emolomadas e trémulas, de mulher... Gastão Fróes, chronista, soffrerá indifferente, em culpa concelto sobre a mulher certo bom humor amenizava um quô de azedume shopenhauereano, chamára-o de fútil na ultima chronica. Mas por isso não deixava de amal-o como a um irmão.

..

Na noite tempestuosa, com que começámos esta narrativa, os dois matavam o tempo num *cabaret* medroce.

— Mais de meia-noite! — Pondéra Gastão com aquelle siso dos que bebem pouco.

E os dois amigos, o poeta mais tonto, apoiado ao chronista, sahiram para a rua no momento em que Nino levava a menina abandonada através daquella noite de inverno. Ao vê-los, Alceu pára subitamente e aponta-os com tristeza:

— Gastão, aquillo só pôde ser uma sedução muito infame. Vês o homem? é o português Nino, que já te serviu para um chronica.

— Dizes bem — concordou o chronista. — Não pôde deixar de ser uma sedução muito infame. Nino é o *cásten* mais immundo da Cidade...

Ao clarão subitaneo e forte de um automovel que então passava em disparada, o poeta descobriu na menina uns olhos tão meigos, de u'a melancolia tão dolorosa e profunda, que os olhos de su'alma nunca mais deixaram de ver.

— Olá, Nino ! quem é esta infeliz que vaes seduzindo, canalha ? —

O ébrio voltou-se e ao reconhecer os dois literatos, com um gesto de receio, agarrando o braço da menina, gritou a fugir :

— Ladrões, minha filha ! corramos !

Quando chegara á casa do Nino, porão asqueroso, miseravel abrigo de ratos vorazes, sob um lupanar, a pobre moça tremêra de pavor.

Nino atirara-lhe um pão esverdeado e sujo.

— Aqui, come-se menos principescamente que no palacio do Catete... Em todo caso, conte-se. Quanto á dormida, sempre é melhor que uma calçada exposta á chuva, não é, minha bonita ? — E derr-lhe as costas, gargalhando a subir uma velha escadaria desmantelada que ligava ao *cabaret*, em cima... Passaram-se tempos. A honestidade da pupilla dava o que fazer a Nino.

— Esta cadella com ares de bomba ! Hás de ser como as outras, como as outras que estão lá em cima, dansando, gosando, ganhando dinheiro... Mas afinal para que eu me conslitui, teu tutor, te arranquei á miseria, á fome, te dei casa e pão ? Lembra-te daquella noite, ingrata ? Tudo isso fis... Devia ter qualquer recompensa, ser obedeido no menor desejo...

— Senhor...

— ... que te custava satisfazer-me ? vamos ! Lá em cima é que deves estar. Se Deus te fez bella é para que não escondas num porão a tua belleza. Vamos, levanta-te !

— Mas, meu senhor, dê-me um trabalho honesto. Apre-sente-me numa fabrica. Esses homens que o senhor diz que são seus amigos, me querem beijar, abraçar... São uns infames, meu senhor ! Elles dizem palavras que eu não comprehendo, palavras que eu nunca ouvi... Mas os seus gestos... Ah ! os seus gestos são horribes ! Meu Deus, como sou desgraçada ! Meu senhor, meu bom senhor... tenha piedade de mim que sou tão desgraçada !

Um riso de cynismo abriu as fauces de Nino numa ternura hedionda:

— Minha filhinha, meu coração, quem foi que te disse que não me inspiras amor de pae ? E' para ver-te feliz que te mando esses homens. Elles não são infames, não ! São mil-lionarios, minha filha ! Se tu quisesesses, elles seriam os teus es-cravos docês... Serias a princeza dos milhões... terias carrua-gens de ouro... um séquito... um palacio maravilhoso... Mi-nha filha, terias afinal muitos milhões !

Madrugada. A Cidade resomava. Lá longe morriam os écos das ultimas bacchanas. Chovia...

Gastão Fróes acabára de escrever a sua chronica para o dia seguinte. Dominado pelo somno, desceu o *abat-jour*, sobre uma grande lâmpada que invadia de luz o quarto e ativit-se á delicia dos lençoes. Pensava ainda no que escrevera quando ouve pancadas á porta.

— Gastão !

— E' Alceu, não há dúvida. Mas a estas horas ?

Novas pancadas.

— Gastão !

— E's tú, Alceu ? Já vou... Upa ! que preguiça... Que aconteceu, homem de Deus ?

— Abre logo ! — Aberta a porta, Alceu saltou aos braços do chronista.

— Meu amigo ! acabo de commetter a acção mais admiravel, mais nobre, mais alta, mais sublime, mais santa de toda a minha vida ! Lembra-te daquella rapariga que vimos com o Nino ? Pois salva-a, meu amigo ! arranquei-a agora mesmo ás garras de um canalha que... Ah ! meu amigo ! que ia abraçar a enquanto ella dormia !

— A tua acção é digna de um cavalleiro da Edadé Média ! exclamou o Gastão com litteralce.

— Ella está toda abrazada em febre, eu trouxe-a, está naquelle auto e destmalada ! — apontava para a rua o poeta no desespero mais sincero. — Tu, meu Gastão, lhe darás hospedagem... Bem sabes... moro em pensão... num quarto...

— Que asneira, homem ! Esta casa é tua, della ; o ullidono sou eu.

— Beijo-te as mãos, meu amigo ! — exclamou o poeta.

— Sim. Mas deixemos de homenagens. E a menina ? vamos busca-la ! — convidou o chronista, furtando-se emocionado ás demonstrações de agradecimento do amigo.

Os dois literatos transportaram para uma cama a infeliz que continuava sem sentidos.

— Um medico, immediatamente ! — bradava Alceu, como louco, pelo meio da casa, puchando os cabellos, afflicto. — Oh ! como me interessa essa menina ! Meu Deus, dae-lhe vida !

Raiava sem chuvas, encantadora e limpida, a manhã. Piedosamente o sol entrava pelas janelas da casa de Gastão illuminando um espectáculo de neisileo e de tristeza.

lher que passa pela Avenida; um poetinha que um dia ha de conhecer o pãso deste braço.

— Alceu Olival? — sorriu Wilson. — Você, Nino, é conhecido de toda essa gente illustre... Você é o bicho, Nino!

— Pois esses typos quizeram tomar-me a menina! Mas, mudando de assumpto...

— Quanto pedes, Nino?

— 500\$000... Não se trata de vulgaridade.

— Aceito. — E um masso de notas passou para as mãos ávidas do *câfren* que sahio logo, escorando a porta.

Wilson desceu a escada. Alceu com precauções extremas seguiu-o, e escoregando por um gradil do corredor, escondeu-se no canto mais escuro da poelga.

Num catre uma adolescente de 16 a 18 annos, linda como deveria ser uma deusa, dormia serena como deve dormir um anjo.

Mas a palidez de seu rosto dava-lhe um aspecto de morte. Uma vida de commoções cruéis lhe minára a saúde que naquelle momento a abandonou, de todo.

Sob a força de olhar do Lovelace, que, com a voracidade dos canibozos, a fixava a menina volta-se para o outro lado, adormecida sempre.

Wilson aproxima-lhe timidamente os labios... Recua. Tremem-lhe as pernas. E como que succubido por uma força que turbava e torto, aferra-se impetuosamente ao catre! Mas o a não do homem pucha e violentamente pelos cabellos e agarrando-o pelo o topo de um revólver!

— Infante!

— Perdão!

A pobre moça desperta em sobresalto!

— Meu Deus!

— Nada tema, senhorita. — Falou-lhe a voz nobre de Alceu Olival. — Foi vendida por 500\$000 a este sujeito. Mas aqui estão seis balas para elle.

— Perdão, senhor... — supplicou Wilson.

— Cala-te, miseravel. Senta-te neste banco. —

Wilson, tremendo, obedeceu. O poeta amarrrou-o fortemente com os lençõs do catre e amordaçou-o.

Erguendo aos braços a menina, subiu com ella á adega. A infeliz desmaiára. Febre intensa a abrazava toda. Alceu cobrindo-a com o capote, passou rápido pela sala. E' brios dormiam a roncar. Os *garçons* lavavam o assoalho, e não desconfiavam ao ver passar um vulto de homem levando aos braços uma mulher desmaiada. Na rua estacionava um auto livre. O poeta, metendo-se-lhe dentro, com seu fardo, mandou seguir a toda velocidade.

— Senhor, minha honra!

— Honra! tu a terás enquanto fôres rica. Eu só não posso comprehender é essa honra assim, escondida num porão ou dormindo pelas calçadas... Vamos, deixa de tanta timidez! Ouves? é o *cabaret* que se abriu! vão começar as dansas! Que bailarina não davas tu! Vamos lá para cima!

— Não! Não!

— Recusas porque és uma tolinha... u'a *matutinha*... Vem cá, obedece-me.

— Não! pelo amor de Deus! não vou...

— Não te quero levar ao *cabaret*. Quero apenas mostrar-t'o, sobe. —

A pobre moça a tremer acompanhou o *câfren* que, como o demonio que tentára Jesus, lhe mostrava aquelles pares a rodopiar, aquelle esplendor infernal e deslumbrante, mulheres libricas e nuas, — a Volupia na sua ostentação mais maravilhosa e mais vil! Adolescentes lindas tombavam a cantar ébrias e esplêndidas por entre as bancas, quebrando garrafas e por entre os braços dos homens... Outras, agarravam-se ao pescoço dos amantes enquanto outras sarabandavam numa dança estranha e selvagem e tombavam a cantar e a gargalhar bestialmente... O' contrastes da natureza humana! Dizer que esses monstros da Sedução, da Luxúria e do Vicio pertencem ao mesmo sexo daquellas criaturas honestas e sublimes, — as Mães, que amamentam os filhos nos recessos do lar, — as virgens, que ignoram o mundo! E aquelles homens já gralhados, que já não tem a perdoar-lhes as loucuras a mocidade, homens casados a dansar inconscientes e bêbados, beijando boccas que não são de sua esposa nem de seus filhos! Oh! tudo isso é o *cabaret*!

— Meu Deus! eu desmaio! quero descer! descer! — debatia-se inutilmente a desgraçada moça entre as garras de Nino.

— Menina! não sejas imbecil. Olha agora! é a bailarina, o que eu queria que tu fôsses! —

Uma mulher de belleza satânica, semi-nua, reproduzia em uma mesa, a scena historica de Salomé na dansa dos sete véus.

— Solte-me! solte-me! eu quero descer! — gritava desviando o rosto a infeliz rapariga sempre agarrada impassivelmente.

— Aquella mulher é o demonio!

— Seja! mais não sahirás agora daqui! —

E apertava-lhe o pulso, o miseravel.

Um typo de *gentleman*, alto, loiro, esguio, bigode finissimo e pedante; luneta arrogante e aristocratica a emprestar-lhe uma expressão mais odiosa, ouviu os brados da infeliz.

— Nino, quem é esta? Que rostinho admiravelmente pagão! uma Venus Callipigia! que attitude virginal...

— E' minha *pupilla*, — sorriu torpemente o português. E com ar de malicia:

— Menina, apresento-te o meu amigo, o capitalista Wilson que poderás fazer de ti uma princeza... — E piscando o olho

— Não é *mylord*?

— De certo, de certo. Que mimosa, Nino! que moço tão optimo para Murillo!

— Solte-me! solte-me! quero descer!

— Não vaes agora, — ordenou o *câfren*, travando com mais força do punho da rapariga

— Que tem ella? — perguntou Wilson.

— Nada. E' uma donzella, uma virgem mais pura que a mãe de Christo... gargalhou diabolicamente o ébrio. — Mas eu hei de fazel-a ballarina!

— Solte-me, pelo amor de Deus!

— Fica mais um instante, já vais.

— Só se beijando essa boquinha amuada! tentou abraçar a pobre virgem o odioso Wilson mas, num impeto despetado, ella cravou-lhe as unhas no rosto e, despreendendo-se hercoticamente, desceu, como louca, para o porão.

Nino achou que não devia segui-la. Frustram-se-lhe os planos mais uma vez.

Mas animava-o uma esperança que o fazia verdadeiramente milagre de paciência: A rapariga era de preciosa belleza. Deixar-se-ia vencer qualquer dia e elle descansaria todo o resto da vida, a beber, a beber!

..

Alceu Olival não conseguia esquecer a menina que vira, naquella noite tempestuosa, ao lado do ébrio.

Resolvido a cumprir o que lhe ordenavam simultaneamente a Consciência e o Coração, dirigiu-se á rua onde o celebre *câfren* desaparecera com a infeliz gritando:

— Ladrões, minha filha! corramos!..

..

Entrando num *calarel*, chiqueiro onde porcos em forma humana, — inversão do maleficio de Circe, — chafurdavam na lama de todos os vícios, o poeta, com um capote a envolver-o, pediu *refresco*.

Um *garçon*, apoiado a uma banca, descansava junto delle. Alceu, com ar mysterioso, pegou-lhe na manga do

palstek.

— O rapaz... onde mora por aqui o Nino? Disseram-me que elle morava por esta rua... num *cabaret*... Dou-te uma *gorgêla*...

— E' do Nino português, que fala?

— E' isso, homem... — e piscando o olho, maliciosamente: *câfren*...

— No primeiro *cabaret* que encontrar, descendo a rua, Dizem que conserva um *petizão*... uma donzella *charmense* mas muito rebelde... Olá, se é...

Dando a gorgêla ao seu fácil informante, que promettia nunca mais acabar a informação, Alceu, descendo a rua, encontrou o *cabaret* indicado.

— E' aqui.

Entrando, sentou-se numa banca e pediu vinho, tendo, para se não deixar conhecer, a precaução de envolver-se no capote, o que muito se justificava pelo frio da noite.

Nada, porém, de ver o Nino. Meia hora depois ouviu-se lá fóra ruído de auto a parar e um typo de *gentleman*, alto, loiro, esguio, entrando na sala, chamou o *garçon* e fallou em voz baixa. Alceu percebeu que elle perguntava por Nino.

— Espera V. Exc. naquelle quarto, *mylord*. Entre, faz favor.

E o sujeito alto, loiro, esguio, (que os leitores já conhecem pelo nome de Wilson) penetrou por uma porta que certamente nunca fóra percebida pelos *habitados* do *cabaret*.

Alceu, aproveitando o momento em que o *garçon* attendia a um freguês exigentíssimo e ranzinza, meteu-se pela porta que Wilson deixára escorada.

Este descêra a escada que já conhecemos.

O poeta occultou-se entre barritas velhas de vinho que provavam ser alli a adega.

Minutos depois, Nino e Wilson subiam.

— *Mylord*, já viu mais formosa?

— Realmente está irresistivel! — exclamou Wilson. — Se os poetas a vissem, julgal-a-iam a Bella Adormecida do Bosque...

— Em falar em poetas, — sorriu o *câfren* — quando eu encontrei a menina, uns typos muito atrevidos, que você talvez conheça de nome, um é aquelle sãfado do frôes que já me avacathou pelos joanets...

— Gastão Frôes. Eu li o que elle escreveu a teu respeito. — O outro é um *almofoadinha* que conhece toda mu-

Telas parahybanas

OS FILMS ESPERADOS PELO MORSE,
S. JOÃO E EDISON.

Publicamos hoje o enredo da super-produção da «Paramount Pictures», Dinheiro e Matrimônio, que, graças ao bom gosto e distinguida operosidade da empresa cinematográfica parahybana Guedes Sá & Companhia Limitada, teremos o prazer de assistir em breve, nas telas dos sympathisados cinemas desta capital Morse, S. João e Edison.

Desta finíssima comedia-dramática, sobressae o «astro» cinematographico brasileiro Ricardo Cortez, que, actualmente nos Estados Unidos, trabalhando para a Paramount, surge pela primeira vez ao publico do seu país.

Ricardo, tem neste film um dos papeis mais difficeis. Trabalham ao seu lado os laureados artistas americanos (já bastantes conhecidos da placcá parahybana) Walter Hiers, o gorducho e a «mignon» estrella Jacqueline Logan.

Eil o :

DINHEIRO E MATRIMONIO

Conto de Frank Candon

Cinematographado pela Paramount com a seguinte distribuição :

James Kirk, caixeiro de um café—Walter Hiers.
Cecilia Smith, sua namorada e de Monty—Jacqueline Logan.

William Monty, rival de James—RICARDO CORTEZ (artista brasileiro).

James Smith, o banqueiro—Charles Ogle.

Mrs. Smith, mãe de Cecilia—Lillian Ward.

O negociante—Robert Dudley.

Três ladrões—Clarence Burton, Guy Oliver e Cullen Tate.

ALLAN FORREST
E
ESTELLE TAYLOR



A cidade de Zanina, a doze milhas de distancia de Los Angeles, é pequena mas muito prospera, com seus 5.213 habitantes e vê abrir-se a seus olhos a perspectiva do mais brilhante futuro.

Tem o seu commercio em febril actividade e um banco, cujo principal atractivo para os moços da cidade é a thesoureira, miss Cecilia Smith, filha do presidente.

Perto do banco havia um café onde miss Cecilia ia todos os dias luncar, e nesse botequim, havia tambem um caixeiro, o joven James Kirk, que era talvez demasiadamente gordo mas muito sympathico e que é um dos herões desta historia e almenta, não sabemos que vagas esperanças, inspiradas pelos olhos brejeiros e lindos de miss Cecilia.

James Kirk era, sobretudo, um rapaz extremamente economico, pensando constantemente no futuro e architectando seus castellos de felicidade.

Tem contudo uma cousa que o acabrunha : o ridiculo de sua situação de caixeiro de um botequim, posição humilde de mais aos olhos da formosa Cecilia, ridiculo de que se aproveita William Monty, seu rival na conquista do coração da thesoureira do banco e que sempre procura achincalhá-lo e humilhá-lo em presença da moça.

Seu maior desejo era deixar de ser caixeiro de botequim.

Como Monty se offerece para lhe vender

um terreno, de quatro palmos de largura, que existia entre o banco e o botequim, James Kirk accetiu logo, porque via assim crearem corpo suas esperanças.

Mas tudo aquillo não passava de uma partida de Monty, que sabia não ser possível edificar coisa alguma em terreno de tão diminutas dimensões.

Tendo, porém, caído no logro, James viu-se sem o dinheiro que economizara com tantos sacrificios e em mais triste situação do que antes.

E não teve outro remedio se não voltar ao botequim de onde se despedira, sujeitando-se para poder conservar de novo, a fazer tambem o serviço de guarda-roupas no Banco.

Ora, o Banco estava a esse tempo um serio perigo.

Três atrevidos ladroes, que alli tinham apparecido a descomparar em chegar, recommendados levemente por Monty, que não sabia

tinha fugido com o dinheiro e com a filha do presidente.

A policia poz-se em campo.

Offerencia-se um premio de dois mil dollars a quem prendesse James Kirk.

Entretanto este continuava serenamente em seu passeio, ao lado da mulher que amava e que julgava não poder ser sua por já estar comprometida com Monty.

Começaram porém a succeder-lhe extraordinarios contra-tempos na viagem, que assim se foi demorando muito além do tempo combinado para o aluguel do vehiculo, tornando-se a despesa superior aos recursos do pobre James.

Os gatumos, em sua perseguição, encontram-no finalmente e com elle travam lucta.

Já a esse momento, James dera pela existencia do dinheiro no auto e sciente de que se tratava de um caso grave, apressou-se a apresentar-se em Zanina.

Provou-se então que não era elle o ladrão, ao contrario, por obra do accaso mas com esforço heroico recobrára o dinheiro roubado.

E, como justa recompensa recebeu não somente os dois mil dollars do premio prometido, como a mão da linda Cecilia.

BREVEMENTE

Nos cinemas Morse, S. João e Edison :

Da UNIVERSAL P. CORPORATION :

Na pista de Oregon—9 series pelo celebre e laureado cow-boy americano Art Acord. Sucesso !... (Em exhibição).

O vagabundo—Drama de aventuras no far-west, pelo idolo de todas as platéas, Harry Carey.

O gaúcho—5 partes arriscadas pelo destemido artista Jack Hoxie.

Aguardem, da "Universal", três collossaes films seriados nos quaes trabalham : Jack Perrin, Francis Ford e William Duncan.

Da PATHÉ NEW-YORK :

Harold Lloyd, nas super-comedias em 2 partes :

Tem que haver combinação e *Marinheiro d'agua doce*.

O soldado—Drama de fino senso, com Haber Hanley.

O destruidor de vidas—Claire Adams.

A dupla aventura—15 episodios incomparáveis.

Da GOLDWIN PICTURES :

Detective por amor, O policia 666 e *Alto lá!* pelo conhecido galã Tom Moore ; 3 grandes successos !

A voz do coração—Milton Sills, 6 partes estupendas.

O principe satânico—Emocionante super-produção pelo rival de William Farnum, Lon Chaney.

Da METRO P. CORPORATION :

Audaces, fortuna juvenil e *Ladrão de Corações*, pelo celebre artista americano Bert Lytell.

Joguete do destino—7 partes com a linda actriz italiana Alla Nazimova.

Da PARAMOUNT PICTURES :

O semi-barbaro—Super-produção com Mary Miles Minter.

A lei esquecida—Com Jack Mulhall e Milton Sills.

ao certo quer mais com honra, conseguiram, uma noite, penetrar no edificio do banco, roubando tudo o dinheiro que encontraram no cofre.

James, dormindo a sono-a-solto, não deu por isso e, no dia seguinte, que era domingo, sahio descurado a passeio com Cecilia, com quem combinara dar um passeio de automobile.

Por sua vez, os gatumos, dentro de alguns autos, corriam a bom correr, com o salto do roubo.

Aconteceu porém que um desses automoveis, exactamente o que levou o dinheiro, teve um desarranjo.

Quando o carro já estava em estado de funcionar, James chegou a groupar em busca de um automovel para o passeio com miss Cecilia.

O empregado da groupa, homem desconfiado não tendo outro vehiculo disponível no momento e não querendo perder o negocio, alugou-lhe o carro em que estavam os gatumos.

Quando estes chegaram a conhecimento do facto, correrem em perseguição de James.

A essa altura já se tinha fallado pelo radio do Banco e como era natural, os seguranças cahiram sobre o proprio James e desde logo os maldicentos capallanos e mais de que dis-



MINHA SOMBRA

*Eu só e minha sombra a caminhar commigo
Pelas caminhos ásperos da vida!
Como um castigo,
Segue meus passos, me não deixa nunca
Essa que tudo vê, tragica, emmudecida . . .
Não me deixa nunca!*

*Nas noites de luar,
Quando se estende, esguia, pela rua,
Quero fugir-lhe e saio da cidade . . .
Mas o luar,
Que pelo lago vai samnambulando,
Chama-a a ouvir baladas de saudade
Que na musica da noite as aguas vão cantando . . .*

*E eu sinto-lhe a attracção, ficando horas inteiras
A olhar o seu perfil, boiando dentro da agua.
E ás derradeiras
Estrellas, quando o dia se accentúa,
Fica ainda o lago a olhar cheia de magua
Com saudades do luar . . .*

*Nas noites sem estrellas, no velludo
Negro da occasião,
Posso, affim, me occultar desse senhudo
Espião . . .
Mas, quando tiras a casa, entra commigo:
Se me não perseguir contra o destino,
Impossível me diz
O' meu lar de divina,
O' meu porto infeliz,
Na contingencia de viver commigo,
Acompanha-me a vida, ao torvelino
Das ditas que te ferem qual punhaes,
Não te deixo jamais . . .*

S. GUIMARÃES SOBRINHO

Minha visita ao tunel do saneamento

Naquelle domingo em que se franqueava á visita publica a entrada do tunel do Saneamento, fui eu uma das primeiras pessoas que penetraram essa importante via subterranea. Pela primeira vez, antes que a morte a isso me obrigasse, quiz eu conhecer as entranhas da terra.

Para isso, convidei um meu amigo que, a muito custo, resolveu acompanhar-me nessa singular jornada.

— Lá em baixo deve fazer um horrivel calor, dizia o meu companheiro, receioso — é melhor, não irmos.

— Mas, meu caro amigo, são apenas cinco minutos de temperatura mais elevada. Isto não nos matará. Se os outros sabem vivos, nós também havemos de sair.

— Sim . . . mas . . . é que . . .

Apesar das reticencias, consegui arrastar-o até á bôcca do tunel, enredando-o no cipal sonoro das minhas razões, fortes como grilhões.

Entrámos. Mas, não havíamos dado dez passos quando meu amigo, pondo as mãos sobre os joelhos, curvou-se um bocadinho, alongou o olhar pela galeria a dentro e, meneando a cabeça negativamente, disse, possuido da mais cômica das irresoluções:

— Qual!! Não vou, não! É estreito de mais! Procurei convencer-o inutilmente. Um velho que enrava, também procurou reanimar-o, sem resultado. Uma velha, acompanhada de três mulheres, havia acabado de percorrer o tunel e ao vêr que o meu amigo não tinha a necessaria disposição para fazer o mesmo que ella houvera feito, disse-lhe:

— Vá não, meu filho! quasi morro! Talvez fosse o nervoso . . . Mas o certo é que quasi me afogo.

A velha ainda não havia terminado de falar e já o meu companheiro fizera meia volta, girando sobre os calcanhares e virando-me as costas.

Segui sózinho. O velho marchava a passos lentos, á minha frente. Hombreei-me com elle que, ao ver-me, emittiu uma opinião sobre a importancia daquelle serviço. Apoiei-o com quatro ou cinco palavras entusiasticas e entramos a conversar.

Adeante encontramos o dr. Baêta Neves postado sob a primeira das bocas verticaes que ventila a galcria. Estavamos sob a rua 13 de Maio. O illustre engenheiro perguntou-nos se queriamos alguns esclarecimentos sobre aquelle notavel serviço.

— Pois não, dr. . . Agradeço-lhe muito.

E o distincto profissional começou de explicar-nos os fins a que se destinava o tunel

do Saneamento, as difficuldades que tinham sido encontradas no correr da obra, etc.

As aguas da Lagôa servirão de regularizador hydraulico e as que, durante o inverno, affluirem, pela parte oriental da cidade alta, para a Lagôa, não excederão de 5 ou 6 metros, porque se escoarão pelo tunel, indo despejar-se no rio Parahyba. Era a primeira obra, e, portanto a unica, que o Brasil possuia em o seu Saneamento. Uma igual (eu julgo superior,) está projectada na Bahia, pelo mesmo dr. Baêta Neves. Todo aquelle serviço, apesar da sua importancia, não custará 300.000\$.

O velho que me acompanhava arregalou os olhos admirados. — Pois quê? disse. Duzentos e tantos contos!?

Se este trabalho fosse realizado por conta das Obras contra as Sêccas, dois mil contos não seriam bastantes.

Eu achei exagerada esta opinião do meu companheiro, mas a deixei passar sem protesto.

O dr. Baêta Neves continuou nas suas explicações:

— As aguas serão exgottadas por meio de cannos. — As lages de cimento armado foram fabricadas, aqui mesmo, nas officinas do Saneamento, etc, etc..

Infelizmente, a minha memoria é um *carnei* em cujas paginas a borraça do esquecimento apaga todas as coisas que ali procuro gravar. Se não fôra isso, transportaria para estas tiras de papel tudo que me disse o notavel engenheiro sob cuja direcção se encontram os serviços de Exgôttos da Parahyba.

Terminadas as syntheticas e claras explicações do dr. Baêta Neves, proseguí sempre ao lado do velho. Era um typo de coronel da Guarda Nacional, pelos gestos, pela gravidade pausada de sua voz, pelas palavras, pelo guarda-chuva que empunhava como se fôra uma espada. Diversas pessoas encontravâmos a cada passo. Mulheres, creanças, velhos e moços. Chegamos á curva que fica sob a Rua do Rosário. Nesta altura não encontramos mais ninguém. Iamos os dois sósinhos, silenciosos.

Neste momento, não sei porquê, lembrei-me daquelle capitulo d'«Os Miseraveis» de V. Hugo, intitulado *As Cloacas de Paris*. Havia uma differença entre o tunel da Parahyba

e os dos exgôttos da Cidade Luz. Aquelles estavam illuminados com as lampadas electricas da Tracção, Luz e Força e estes, quando Jean Valjean os percorreu, estavam cheios de treva . . .

Comtudo, eu me julguei, como se fôra empolgado por uma allucinação, um dos protagonistas do celebre romance. Tive vontade de bancar o Mario e, por um milagre, não me escanchei nas largas costas do pobre velho que ao meu lado caminhava. Olhei-o na cara. E sorri, convencido de que absolutamente o meu companheiro não tinha nada que o fizesse parecer com Jean Valjean. Graças a Deus, esta minha allucinação passou logo.

Dois minutos depois, o tunel nos despejava na Praça Aristides Lobo.

Despedimo-nos sorridentes.

Respirei alliviado. Vinha de outro mundo.

A luz do sol derramava-se como um vinho precioso sobre as arvores da Praça. Os transeuntes passavam por mim. Todos me pareciam felizes. A cidade estava mais linda. As casas pareciam sorrir. Encontrei um amigo, que não via ha muito tempo. Abracei-o effusivamente. Naquelle momento eu era um homem integralmente alegre.

E não sei porquê, tive a impressão de ter voltado de uma longa viagem.

Entretanto, na minha visita ao tunel, tinha gasto, apenas, dez minutos . . .

PERYLLO DOLIVEIRA



Senhorinha SEVERINA DA SILVA, alumna da E. Normal

LEITORES DE

ERA NOVA



DR. ESTIVAL DE SOUSA,
chefe do Posto Político Federal
na cidade de Guaratuba, deste Estado.



Mlle. DEOLINDA CAVALCANTE, ornamento
da sociedade campinense.



Sr. JOSÉ FERREIRA DE MELLO,
de alta renome de Campina Grande.

MASCAGNI

O grande genio musical italiano, que o mundo inteiro conhece e applaude por Pietro Mascagni tem, pelo Brasil, sympathia forte e generosa.

O grande maestro já disse do Rio de Janeiro, na visita que fez ao Brasil em 1922.

— " Si eu pudesse resumir agora as minhas impressões do Rio, em duas palavras, diria apenas isto: Em 1911, deixei a



MASCAGNI

cidade perfeitamente encantado; em 1922, del'a me despeço completamente maravilhado. Bem diferente de muitas outras metrópoles, o Rio é a metrópole das metrópoles. Já ouvi afirmar que isto aqui é a capital do futuro, mas a verdade é que o futuro é que é ella, a cidade das maiores possibilidades que se poderão encontrar nesta parte do continente. Não sei de outra cidade que, em tão pouco tempo, tenha evoluído tanto.

Estas palavras, salidas da boca veneravel de um mestre como Mascagni, valem bem por um poema de exaltação, que nos é tanto mais honroso quanto maior é a sinceridade que dellas, á primeira vista, resalta. E o illustre compositor as proferiu na vibratidade de uma admiração espontanea e excepcional, manifestando, assim, simplesmente, o sentimento que o empolgava.

Bemdito sentimento e bemdita igualmente, a formosura da terra sumptuosa que o inspira! Bemdita, ainda, e sobretudo a natureza esplendida que adorna e aformoseia a metrópole do Brasil.

Na Italia moderna, como no resto do mundo culto, celebridade de Pietro Mascagni é, pre-

sentemente, aquilatada com o acatamento que merece. E a sua arte, que é sempre nova, attractiva e equilibrada, goza de uma reputação universal.

Conhecendo, mais ou menos sufficientemente, todas as escolas e tendo conseguido assimilar na sua perlustração através das mais finas e educadas platéas, todos os gostos musicaes, o illustre maestro compositor sabe, hoje, com o seu formidavel talento creador, satisfazer aos paladares mais exigentes em materia de musica. E' um artista excellent, cuja extraordinaria intelligencia vive aureolada por uma cultura magnificamente solida e dilatada. As suas obras, grandiosas todas e, quasi todas, lavadas de um doce e encantador romantismo, reflectem um talento peregrino de estheta admiravel. E' elle não é, entretanto, um moço na idade. Conta aproximadamente 60 annos. Sem embargo, a sua intelligencia conserva o mesmo poder, o mesmo enthusiasmo, a mesma delicadesa nobre da mocidade radiante. Assim sem ser novo na idade, é sempre novo na manifestação primordial do seu talento. Isto significa que elle está á flume e seguro no pinçaro do seu valor, muito longe portanto, de abandonar o posto elevado onde sua intelligencia e o seu esforço o foram collocar.

Disse alguém, num inspirado surto de felicidade, que na arte musical italiana, sujeita, depois da irrupção wagneriana, pela critica erudita, a uma série interminavel de controversias, ninguém, mais do que Mascagni, mais equilibrado e mais sensato com a sua longa experiencia de creador de melodias e de regente de orquestras, está habilitado a conduzir a factura esthetica á fonte nativa da inspiração, á tradição historica, á raiz da paixão e do sentimento nacional, mantendo, cada vez mais alto, o le-

gado precioso que a elle, ao seu povo e á civilização contemporanea deixaram, naquella nobre patria, os paes da musica admiraveis.

Sem adduzir mais commentarios, tecer novos elogios em torno do valor ou da personalidade de um dos mais populares maestros compositores do mundo, fazemos nossa a opinião desse alguém, para acrescentar que Pietro Mascagni é o mais sincero e o mais espontaneo dos musicos celebres da Italia gloriosa e heroica.

Vamos fechar este perfil dando uma boa nova aos leitores da nossa secção: Mascagni, o autor da *Cavalleria Rusticana*, da *Iris* do *Il Piccolo Marat* e tantas outras operas famosas, Mascagni, o idolo das platéas apreciadoras da boa musica, está dando os ultimos retoques na sua grandiosa obra sobre o nosso paiz. E' uma ópera de assumpto essencialmente brasileiro, que o illustre musico faz inspirado na epopéa de Fernão Dias Paes Leme e, como elle proprio declarou ao matutino que o entrevistou no Hotel dos Estrangeiros, seduzido pela magestade da natureza indigena deste paiz, pela opulencia do seu panorama, pela cultura e encanto de sua gente, etc. O thema é brasileiro e só fala de coisas nossas, inteiramente nossas. Pietro Mascagni merece, assim toda admiração da nossa terra.

VENTRILOQUIA

A vontade de ser já é a metade do triumpho.

Ninguém não nos prova melhor esta asserção que o sr. Cynthio Ribeiro. Verdade, que o seu nome não anda de bocca em bocca, aclamado como se fôra o de um triumphador.

Entretanto, é para louvar o seu esforço no sentido de destacar-se na arte que abraçou, arte diffi-

cil na verdade, por que é, sobretudo a arte de fazer rir.

Ademais, os meios de que este artista se vale, nesse mister, não são os mesmos postos em pratica pela multidão de *Carlitos* e *Brandão Sobrinhos* que se acoto-

velam nos studios ou pululam nas ribaltas.

Sim, são diferentes. E mais difficeis, mais engenhosos. Enquanto os actores se movimentam, falam, gritam, gesticu-



O SR. CYNTHIO RIBEIRO

lam, o sr. Cynthio Ribeiro, não usando nenhum desses processos, consegue arrancar da bocca dos seus espectadores sonoras, homericas gargalhadas, talvez mais espontaneas que as provocadas pelos artistas theatraes.

E assim é, porque elle sabe multiplicar-se uuma porção de seres, dando a cada um delles uma alma differente e, o que é mais, profundamente comica, integralmente grotescas. E estes seres e essas almas são os seus bonecos de madeira e papelão. O sr. Cynthio Ribeiro é ventriloquo.

E, sem favor, é perfeito no seu genero.

Isto se prova com o successo que alcança sempre que exhibe em os nossos palcos os seus impagaveis bonecos. O publico ri com vontade, porque a graça das suas piadas a isso o obriga.

E' pena que esse artista não tenha sido, até agora, alvo da at-

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRASIL

SEDE: — RIO DE JANEIRO
Sociedade de Seguros sobre a Vida
FUNDADA EM 1896

Apolices com sorteios trimestraes pagos em DINHEIRO, continuando a seguir em vigor.
Seguro Commercial sobre a vida de dois socios. — Solicitar colonizamentos
Maciel Pinheiro, 45. — Parahyba do Norte — (Capital)
JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES — agente e banqueiro.
Inspector em commissão — Edgard Pereira.

RADIO-TELEPHONE EM AUTOMOVEIS POLICIAES

O departamento de policia da cidade de São Luiz, nos Estados Unidos da America do Norte, installou uma estação central de telephonia sem fio no seu quartel-general e possuiu três automoveis de appparelhos correspon-

dentos. Em cada um dos carros ha um official encarregado de appparelhos, que usa constantemente o aparelho receptor, e assim quaisquer ordens ou informacoes podem ser transmittidas em qualquer momento, sem que os carros saiam estacionados. Por este meio, falsas pistas são corrigidas e poupado muito tempo.

DR. JOSÉ LINS DO REGO

Desde alguns dias se encontra nesta capital o illustre sr. José Lins do Rego, distinguindo intellectual conterraneo e um dos mais pujantes rebentos da mentalidade moça do norte. O joven escriptor vai em breve iniciar uma interessante collaboração nesta revista, noticia que damos em alvigeras aos nossos leitores pelo prestigio das letras do sr. Lins do Rego.

A ASSOCIAÇÃO PARAHYBANA DE CIRURGIÕES DENTISTAS PEDE UM OBULO PARA A FUNDAÇÃO DA "ASSISTENCIA DENTARIA... INFANTIL" ...

leição que nos merece. Mas esta indiferença tem a sua razão de ser: «santo de casa não faz milagre».

Quando o ventriloquo Argos aqui esteve, conseguiu um enorme e merecido exito. Emlanto, o sr. Cynthio Ribeiro em nada se distancia daquele artista que, não ha duvida, foi talvez o seu unico mestre.

Brevemente teremos o praser

dê apreal-o e applaudir-o em um dos nossos cinemas-theatros, por occasião do espectáculo que pretende realisar em beneficio dos seus *artistas de papella*.

Será uma noite de gargalhadas, não ha duvida.

Pensamos que o nosso publico não deve perder esse praser levando ao esforçado e intelligente conterraneo o estímulo dos seus applausos. Elle bem o merece.

VALSA DE AGABA

Seja despetando o silencio das noites, em serenatas; seja nos serenos momentos ou á orçãta dos nossos cinemas, a Parahyba já tem ouvido a *Valsa de Agaba*, que na letra e musica, respectivamente, de Camillo Alencar e Eudes Barros, traz uma commovente homenagem á nossa desventurada de São Luiz.

Talvez seja o vasto prestigio desta composição motivada em parte pela tragedia dos dois no-

vos, que todos nós recordamos dolorosamente. Mas o que é innegavel é a excessividade, a sublime, pungente emotividade da *Valsa de Agaba*.

Musica sem letra (isto é, sem uma letra condigna) é como uma bella mulher muda. Sem uma letra condigna, pois nada para desprestigar mais a musica que uma letra que não seja de um verdadeiro poeta.

Isso se não dá com a *Valsa de Agaba*, cujo valor é, em metade, devido á sua letra que, como todas as letras de Eudes Barros, se integram á musica de uma excepcional maneira interpretativa.

Damos a seguir, attendendo a instancias de varios leitores, a letra da *Valsa de Agaba*. Esta valsa deve ser executada ou entoada lentamente, pela natureza funebre de seu motivo e de sua evocação:

1.ª parte

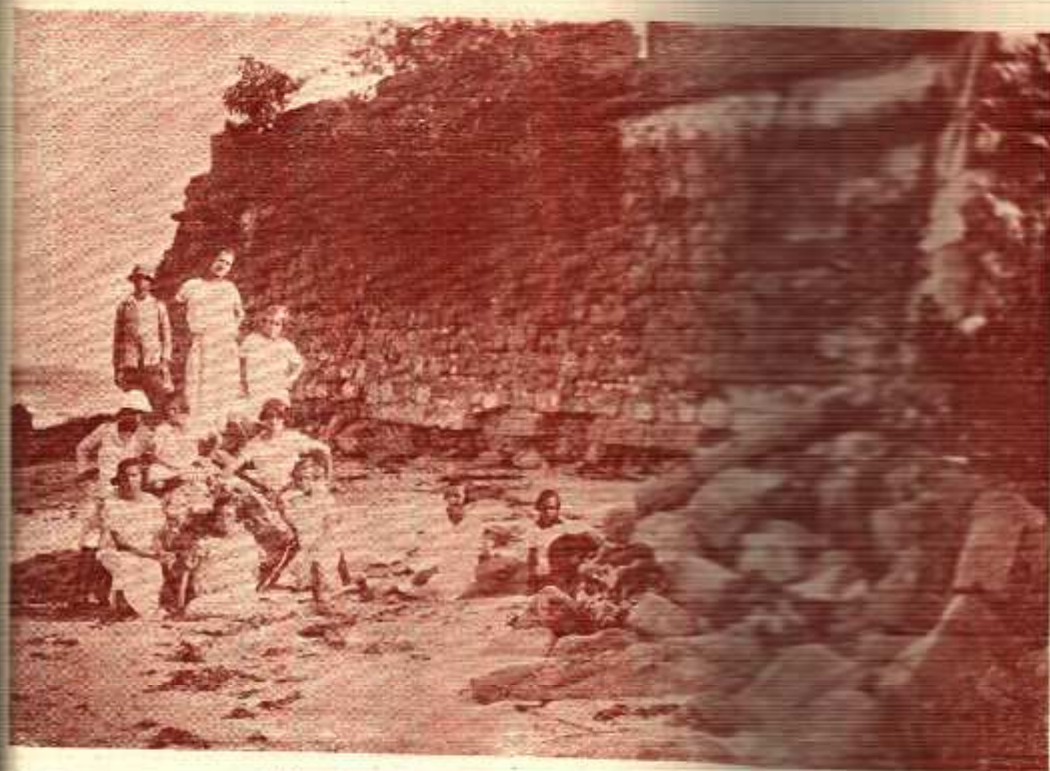
Partiu, deixando a vida,
Alguém,
Em rútila subida
Ao Céu!
Noiva! ninguém diria,
Ninguém!
Ser a mortalha fria
Seu véu!

2.ª parte

Como não pôde a vida soffrer
Louca de dôr, pensou em morrer
E subiu á Eternidade
Para um sonho enganador,
Na esperança de encontrar,
Um dia, o seu amor...

3.ª parte

Virgem Dolorosa!
Quem se compára jamais a ti!
Morreste, excelsa e rara,
Para invocar o meu...



UM ASPECTO DAS RUINAS DO FORTE DE S. CARLOS

MORTOS ILLUSTRES

Senador NILO PEÇANHA

O Brasil cobriu-se de luto a 31 de março último, para prantejar a morte de um dos seus mais illustres estadistas: o sr. Nilo Peçanha.

Homem publico na significação completa do termo, embora tivesse a democracia num conceito tão elastico que a traduzia nos mais descobertos ideaes demagogicos, o senador Nilo Peçanha vinha offerecendo ao paiz, nos ultimos tempos, um raro exemplo de persistencia politica, apêgo ás proprias convicções e combatividade.

Toda gente se recorda ainda da tumultuosa imponentia de que se revestiu a ultima campanha presidencial, de que resultou a eleição do illustre sr. Arthur Bernardes. O pranteado politico desempenhou um papel singularmente destacado nessa justa renhida e nobilitante, tendo-se apresentado candidato das correntes populares e de três grandes Estados, contra o candidato das elites e dos páedros dominantes, a quem posteriormente coube a victoria.

Nunca dantes se travára, dentro nas fronteiras nacionaes, uma competição dessa forma disputada.

O senador Nilo Peçanha, num bello gesto republicano á maneira yankee, realizou uma excursão de propaganda pelos Estados do norte, pregando com a sua palavra inflamada de partidario do povo um evangelho de ensinamentos politicos cheio de energia.

Depois se deu a sua derrota nas urnas e mesmo os seus maiores correligionarios o abandonaram.

Solidario com as suas convicções, encarou o grande vencido com a coragem apostolica dos abnegados a sua nova situação.

O homem que o Brasil pranteou a 31 do mez passado não era, porém, simplesmente um politico.

Era um intellectual de merito, um orador brilhantissimo, que aturdiu por varias vezes com os seus discursos monumentaes os nossos tradicionaes circulos parlamentares.

Registando com o retardamento desculpavel de nossa publicação quinzenaria, o lutooso evento, daqui enviamos á familia do senador Nilo Peçanha e ao paiz, os nossos sentimentos de pesar.

General BENTO DA GAMA

Falleceu nesta cidade, a 3 do corrente, o general de divisão reformado Bento da Gama, figura tradicional do exercito brasileiro e um dos gloriosos remanescentes do Paraguay.

A sua morte causou viva consternação em nossa sociedade, que lhe cultuava as suas preclaras qualidades de espirito e caracter.

A mais alta patente do exercito em nossa capital, o enterro do general Bento da Gama teve as honras militares do estylo, formando em continencia toda a guarnição federal desta cidade.

Embora tardiamente, enviamos á familia Bento da Gama as nossas condolencias

ENSINO PRIMARIO

A collação de grão das novas educadoras

Realizou-se, a 6 do fluente, uma brilhante festividade na Escola Normal, promovida pelas respectivas alumnas que celebraram dess'arte a collação de grão da turma de professoras de 1924.

Com o encantador e gárrulo comparecimento de todas as normalistas, abrilhantado pela presença de elementos de elite de nossa sociedade, o magestoso educandario, que enfrenta a airosidade verde das palmeiras imperiaes do Jardim Publico, esteve maravilhosamente festivo.

O salão de honra da Escola eucerrava nu-

ma ambiencia de luz e distincção o que de mais culto e selecto conta o nosso *grand monde*.

Representaram o govêrno do Estado e da Archi-diocese, suas excellencias, os srs. dr. Alvaro de Carvalho e conego José Tiburcio, e a Escola Normal, o seu director, conego dr. Pedro Anisio.

Explicando a solennidade e elevação daquelle momento, falou doutamente o sr. dr. Matheus d'Oliveira, cujos conceitos e idéas proeficientes e sensatas muito lhe corroboraram a auctoridade em questões pedagogicas.

São as seguintes as educadoras da turma de 24:

Miles: Maria Luiza Moraes, Maria de Lourdes Monteiro, Iracema Henriques Maia, Lia

Pensamentos de Marco Aurelio

1 — Devo a meu avô Verus o exemplo de bons costumes e paciencia.

2 — A' reputação e memoria de meu pae: modestia e força de caracter.

3 — A minha mãe: piedade, liberalidade e abstenção não só de más acções, como de maus presentes; alem disto, simplicidade no modo de vida e desprezo pelo luxo.

4 — A meu bisavô: não ter frequentado escolas publicas, ter tido mestres excellentes em casa e entender que, para taes fins, se deve gastar largamente.

Os philanthrôpos sociaes eram raros ha cem annos passados. São communs hoje em dia, mas é tão sómente justo testemunhar que foram as letras que tomaram a direcção do movimento e que nada contribuiu mais para avolumar a sympathia humana do que as obras de homens como Tolstoi e Zola, os quaes, por seu lado, derivaram seu sentimento da justiça e dos deveres sociaes de uma impressão de harmonia com o meio ambiente.

Oliveira Lima

Não sei de outro leitor mais assiduo de jornaes do que foi Machado de Assis; admirava-me que elle tivesse o tempo e o gosto de applicar a attenção a tanta cousa de somenos, sem prejudicar a leitura dos grandes autores e o seu proprio trabalho litterario.

Mario de Alencar

de Mello Luna, Corina Novaes, Cecilia Alves de Paiva, Isolda Cavalcanti Pimentel, Thereza de Jesus Lima, Maria das Neves de Carvalho, Maria da Gloria Freitas, Maria do Carmo Silva, Olivia de Souza Mello, Isabel Moura, Arminda Cabral, Celina Hamilton de Oliveira, Celina Carneiro dos Santos, Eulalia Cantalice da Trindade, Maria Amelia Camello, Maria Cordeiro Nunes, Honorina de Carvalho Paiva, e Antonia de Luna Freire.

Era Nova felicita com ufanía as suas amiguinhas professoras, — esses bellos espiritos que, durante quatro longos annos, nutrem a civica esperanza de servir a Patria na missão de illuminaç e exaltaç da infancia.

SILOS

O ministro da Agricultura aprovou a tabella para distribuição de premios aos criadores pela construcção de silos em suas fazendas, de accordo com a lei em vigor.

Por essa tabella, que foi organizada pela directoria de industria pastoril, são os silos divididos em categorias: de concreto, variando os premios de dois a cinco contos de réis; de tijolos, com juntas de cimento ou de ferro, premios de um conto e quinhentos mil réis; de alvenaria, pedra ou tijolos, premios de um a cinco contos; subterraneos de 200\$ a 500\$. Os premios variam conforme a tonelagem dos silos, sendo estes de 40 a 160 toneladas.



CREADORES!

PEÇAN ORÇAMENTOS A

ARAUJO OLIVEIRA & C.

Rua Maciel Pinheiro, 211.

CAIXA POSTAL, 85.

**CONSTRUÇÕES EM
CIMENTO ARMADO**

Silos para forragens, tanques, bebedouros para animais, canalizações, etc. etc.

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — FERNANDES

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

RAINHA DA MODA

SECÇÃO D'ALFAIATARIA

ESPLENDIDO SORTIMENTO

DE

CASEMIRAS INGLEZAS,
BRINS DE LINHO
E FINISSIMAS ALPACAS.

Cortador italiano, diplomado e premiado com
MEDALHA DE OURO
pela Academia de Corte de Turim.

CASA DE CONFIANÇA

PREÇOS MODICOS

Rua Maciel Pinheiro n. 206

Avelino Cunha & Ca.



A ERA NOVA é, sem nenhum exagero, actualmente, a melhor revista publicada no norte do Brasil. Dêz que surgiu, se tem rumado sem deslises na directriz em que se traçou, por isso que lhe não ha faltado o apoio do publico, que dest'arte poderosamente contribue para a sua brilhante victoria no periodismo illustrado indigena.

ERA NOVA é a publicação de maior circulação neste Estado, desde o littoral até o alto sertão, sendo já hoje innegavel

a sua situação em os outros Estados, onde incessantemente vae adquirindo a symp-

gandista e seu amigo, visto como quem a lê reconhece o modo carinhoso e o esforço

lhores publicações su-
listas congeneres.

Com officinas de gravuras proprias, a cargo de competente photo-gravador, mantém em suas paginas um impecavel serviço de *clichêrie*, como fazem prova as nossas edições especiaes.

Quanto á parte intellectual, um dos brilhantes factores do seu successo, a sua direcção lhe tem sabido imprimir um cunho de in-
excedível brilho, escolhendo um luzidio corpo de collaboradores entre os nossos melhores homens de letras.

"ERA NOVA"
BI-MENSARIO DE PROPAGANDA DA PARAHYBA

Condições de assignaturas

NA CAPITAL:		FORA DA CAPITAL:	
Anno	20\$000	Anno	22\$000
Semestre	11\$000	Semestre	12\$000
Número avulso - - - - 1\$000		Número atrasado - - - - 1\$500	

As assignaturas devem terminar sempre em junho ou dezembro de cada anno.

thia e a admiração de seus leitores.

Cada assignante desta revista torna-se para logo seu propa-

herculeo que presidem a sua confecção, chegando sem contestação a figurar sem desdouro entre as me-

CIGARROS SUL-AMERICANOS

F. H. Vergara & C.

São os melhores
do mercado. Preferidos, por
isso mesmo,
pelas pessoas da elite.

UM EDIFÍCIO DE OITENTA ANDARES

A altura dos edifícios americanos aumenta constantemente.

Os "new-yorkinos", não contentes dos numerosos arranha-céus, cujo monopólio é quasi de sua grande metropole, preparam um novo edifício, que deverá ser o mais alto do mundo (pois que na America do Norte há a mania do maior, do mais potente, do mais completo do mundo) e é um verdadeiro triumpho da

architectura americana. Em Nova York, com effeito, sobre uma area de Madison Square Garden, já se projectam os trabalhos do novo arranha-céu, o Eighty Store Building, como o chamam os americanos, que terá, conforme a projecta do architecto Herbert Greenwald, a altura de 800 metros para a sua torre central. Será assim um edificio ou mais alguns metros mais alto que a Woolworth e o Equitable.

O Equitable tem uma area de 14.000

de pessoas e é servido por oitenta elevadores e embora seja o segundo em altura é o edificio mais amplo do mundo.

O Eighty-Store-Building será o dobro do Equitable!

MUITAS VELHAS CASADAS DA HOLANDA têm uma porta principal, que não se abre senão em duas occasiões memoraveis: quando ha casamento ou morte na familia.

Ford

O AUTO UNIVERSAL

DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com partida automatica.

DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com partida e rodas desmontaveis.

VOITURETTE com partida automatica.

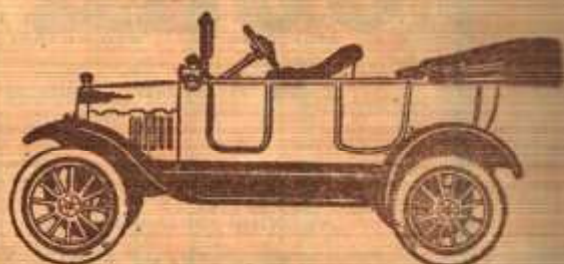
SUDAN com partida automatica.

CAMINHÃO (Chassis) — Tractor FORDSON — Peças legitimas FORD

Peçam prospectos e informações aos agentes.

G. PETRUCCI & CIA.

Rua Maciel Pinheiro, 198 — Parahyba.



PHARMACIA CONFIANÇA

DE

TERTULINO C. DA MATTA

AVIA RECEITAS POR PREÇO
MODICO E COM A MAIOR PRESTEZA

123, Rua Barão da Passagem, 123.

Parahyba do Norte

BRASIL

Hotel "Luso Brasileiro"

OPTIMA SITUAÇÃO, DEFRONTE DA "O. WESTERN". COSINHA DE 1.ª ORDEM. DORMITÓRIOS HYGIENICOS.

Gerente: CLAUDIANO MAIA

MOVELARIA

"PROGRESSO"

DE

Mauricio Rosenthal & Irmão

CONSTRUO FÁBRICA MANUAL E A VAPOR
DE MOVEIS SIMPLES E DE LUXO

Construção completa para salas de visitas e jantar, dormitório, "salões", escriptorios, peças avulsas, etc. — Execução de trabalhos de carpintaria, como portas, janelas, grades, balcões, publicinas, pelos menores preços.

Mantemos constantemente um
grande stock de moveis de juncos.

FABRICA: RUA MACIEL PINHEIRO, 332.

DEPOSITO:

Rua Barão da Triunfo, numero — 402.

PARAHYBA

PHARMACIA DAS MERCÊS

De ALÍPIO CORDEIRO

148 — Rua Duque de Caxias — 148

COMPLETO STOCK DE MEDICAMENTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Fornecedor das principais Instituições da Capital

ATTEDE A QUALQUER HORA DA NOITE

TELEPHONE N. 244

A "CASSIA VIRGINICA"

é um remédio inócuo, composto de vegetaes de valor experimentado, para combater com promptidão as febres em geral, sejam motivadas por um resfriamento ou por outra causa ignorada; realiza a cura em curto espaço de tempo sem os inconvenientes do QUININO, que é irritante e causa um grande mal aos albuminúricos, cardíacos e diabéticos, pelo má funcionamento em que deixa os rins, dando lugar aos ataques de UREMIA, tão communs quão perigosos na sua generalidade. — Na ERYSIPELA, faz cessar admiravelmente as dores musculares e dos tecidos, como por encanto, e cura os mais fortes accessos em menos de 12 horas, fazendo desaparecer os incommodos geracs logo ás primeiras doses.

Vide prospecto que envolve cada vidro

A' venda em todas as pharmacies

SOUZA CAMPOS & C. Ltda.

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS — SECÇÃO DE VENDAS A VAREJO, A PREÇOS SEM COMPETENCIA.

ARTIGOS DE ARTE E USO DOMESTICO DE PRIMEIRA ESCOLHA

END. «SOUCAM» — TELEPHONE N.

RUA MACIEL PINHEIRO — PARAUYBA

UM PREPARADO COMO HA POUCOS!!!

E devêras surprehendente a acceitação collossal do notavel preparado **ELIXIR 914**, o melhor depurativo, que LIMPA completamente o SANGUE, acabando de vez com as MOLESTIAS DA PELLE, Manchas, EMPINGES, Ecemas, ERUPÇÕES, Erysipelas, COCEIRAS, Feridas bravas, RACHADURAS, Espinhas, FURUNCULOS, Boubas e CANCROS.

O **ELIXIR 914** é um licor agradável composto de plantas medicinas e o melhor e mais scientifico preparado para combater a SYPHILIS em todas as suas manifestações como nos Rheumatismos, agudos ou chronicos, que desaparecem COMO POR ENCANTOS, logo ao primeiro vidro, Queda do cabello, Tumores Suppurações e Dores nos Ouvidos, Dores de Cabeça, e principalmente nas Bie-norrhagias.

Adoptado e usado com successo no HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA.

Aconselhado para creanças, moços e velhos.

O **ELIXIR 914** é encontrado nas boas pharmacies

Galvão & Cia. — Avenida São João, 145 — SÃO PAULO.

Approvado pela D. N. S. P. em 21 de fevereiro de 1916, act. n. 26.

"SANGUINOL"

(FORMULA ALLEMA)

O **SANGUINOL** é o fortificante mais apropriado que existe para os magros, os fracos, os anemicos, os debeis, os esgotados, os neurasthenicos e os convalescentes; é o remédio por excellencia das crianças fracas, pallidas, anemicas e rachiticas.

E' o melhor preventivo contra a tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas. (2)

Approvado pela D. N. S. P. em 15 de Março de 1921, sob n. 199.

Em todas as Drogarias e Pharmacias

GALVÃO & Cia.

AVENIDA SAO JOÃO, 145.

SÃO PAULO

A. LUCENA & C.^A

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 314.



PARAHYBA DO NORTE

Locomoveis, motores a gaz pobre, óleo crú, kerozene, hydraulicos e electricos;

Descaroçadores de algodão AGUIA, gítmios, e prensas hydraulicas para desfardar algodão;

Cortadores de forragens;

Trituradores para sal e assucar e para reduzir milho com palha e sabuço, bem como maniva e farello para alimentação de animaes;

Machinas para debulhar milho;

Moinhos para fubá e café torrado;

Torradores de café, a fogo directo por meio de ar quente;

Extinctores de formigas e formicidas quidos e em pó;

Ferramentas para lavoura, fructicultura e jardinagem;

Arados, cultivadores, semeadores,

MACHINAS
PARA
AGRICULTURA
E
INDUSTRIAS

grades de disco e todo e qualquer moderno aparelho agrario;

Machinas para beneficiar arroz, de diversos typos e tamanhos;

Machinas para beneficiar café, typos para diversas capacidades;

Machinas para farinha de mandioca;

Mocndas de canna de diversos typos e tamanhos, á força manual, á

força animal, á força hydraulica e á força motora;

Turbinas centrifugas para assucar;

Serras verticaes e circulares para madeira;

Bombas, carbeiros hydraulicos e moinhos de vento;

Machinas para a industria de lacticinios, e/c, etc.

Verdem, a preços excepçoes, por importação directa.

Catálogos ilustrados e informações detalhadas a quem os solicitar citando esta revista

TRATE LOGO DE SUA SAUDE

AMANHÃ PODERÁ SER TARDE

Ninguém ignora os grandes perigos a que está exposto o syphilitico: a loucura, a demencia, a neurasthenia, a epilepsia, a paralysis, as molestias do coração, do cerebro e muitos males são produzidos pela syphilis. Depurar o sangue é conservar a saúde e prolongar a vida.

ALUOL

preparado bismuthico, em injeções e solução é o mais energico dos anti-syphiliticos modernos. Cura syphilis, reumatismos e molestias da pelle. É usado, com os mais brilhantes resultados, nos hospitais de Sta. Casa de Misericordia e no

Serviço Federal de Prophylaxia das molestias Venereas de Pernambuco.

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS DESTA CIDADE

FRANNOVA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro



Parahyba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190.

Chapécs para senhoras e creanças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerozene, Arame farpado, Ma-
delras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz,
a vapor, Refinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Vilões em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 16.—Praças Santos Dumont e 15 de Novembro.

End. Tel. Vergára—Parahyba

ELIXIR DE CANINANA E

JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELO PHARMACEUTICO
OVIDIO DUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recentes,
dartharos, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adormeci-
mentos dos membros e qualquer molestia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo!

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do
Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!...

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL — PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital — Drogaria Pessoa

LOTERIA DE
SANTA CATHARINA

UNICA QUE DISTRIBUE 75 % EM PREMIO
PREMIOS MAIORES:

30, 60 e 100 CONTOS DE RÉIS.

Por 8\$000, 14\$000 e 23\$000 respectivamente

Extracções semanais

Em urnas de crystal e bolas numeradas por inteiro, em
movimento continuo, por motor electrico.

Todos os planos jogam com 18 milhares — Bilhetes á venda em toda parte.

Administração — RUA DEODORO, 14. — Florianopolis.

Os concessionarios — La Porta & Visconti

Socio-gerente ANGELO M. LA PORTA, ex-socio-gerente da Loteria
do Rio Grande do Sul.

N. B. — Nas localidades que não estão os bilhetes á venda vale por
intermedio de Bancos ou remetendo a esta administração a respectiva impor-
tancia e mais 1\$000 para o porte.

PARA REVENDEDORES DAMOS COMMISSÃO

"NATIONAL GAS ENGINE"

DEPOIS DA "HULHA BRANCA", PREDOMINA "O GAZ POBRE" COMO A FORÇA MOTRIZ MAIS ECONOMICA DO MUNDO.

OS LEGITIMOS MOTORES INGLEZES DA "NATIONAL GAS ENGINE" RESOLVEM ESSE PROBLEMA: TRABALHAM COM QUALQUER COMBUSTIVEL:

COLLIER & ARCHBOLD

PÓ DE SERRA, CARVÃO VEGETAL, DESPERDÍCIOS DE SERRARIAS, BAGAÇO DE CANNA, CASCAS DE CÔCO, LENHA DA MATTA, ETC. ETC.

ENGENHEIROS REPRESENTANTES

PERNAMBUCO — Rua Barão do Triunfo N.º 196
ENDEREÇO TELEGRAPHICO COLBOLD

HYDRAULIC ENGINEERING CO. LTD. — CHESTER-ENGLAND

PRENSAS HYDRAULICAS PARA ENFARDAR ALGODÃO
EM FUNCIONAMENTO

HARTON PEDROZA & C.ª — Campina Grande
CALDAS DE GUSMÃO & C.ª — PARAHYBA

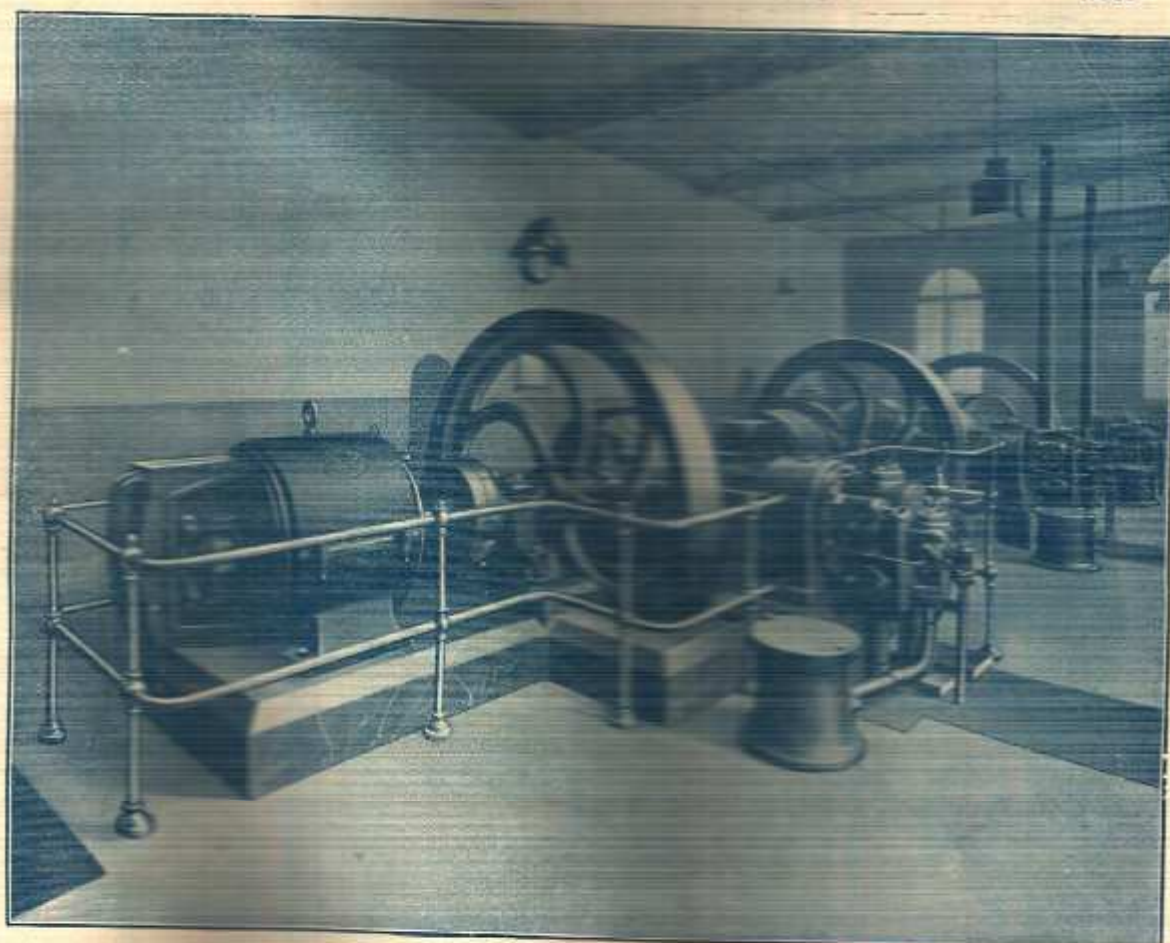
REPRESENTANTES EM PARAHYBA: A. LUCENA & C.ª

Rua Maciel Pinheiro n. 314 — CAIXA POSTAL — 113

Usinas de Luz Elétrica, projectadas e executadas
com motores a gaz pobre "NATIONAL".

Macedo — Alagoas	50000	Velas
Victoria — Pernambuco	90000	"
Namur — " "	50000	"
Timbete — " "	50000	"
Belizario — " "	40000	"
Viggo — Alagoas	32000	"
São Lourenço — Pernambuco	27000	"
Gravata — " "	25000	"
Maracy — Alagoas	20000	"
Alagoas — " "	18000	"
Arac — Parahyba	17000	"
Quilombos — Alagoas	17000	"
Jardim — União — Parahyba	15000	"

Mirrlees,
Bickerton
&
Laylimited.
Motores
DIESEL"



UZINA DE LUZ ELECTRICA, EM UMA CIDADE DO INTERIOR.

PARA NOVA

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. — Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, fantasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. — Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiais: Rua da Republica ns. 654 e 465.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento
de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus de todas as qualidades,
para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas, collarinhos, meias, camisas e perfumes.

Depositaris dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro, 88 — Parahyba

LEGITIMOS

Bandellins Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro, N. 103.

CLINICA MEDICA CIRURGICA

DO

Dr. MARIO NEVES COUTINHO

Medico e pharmaceutico
pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Accetta chamados a qualquer hora

RESIDENCIA:

Rua 7 de Setembro 297

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA

E

PERFEIÇÃO

II

ULTIMA MODA

II

Sob a direcção criteriosa de
habeis cortadores
italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Pinheiro — 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE